

IMACULADA CONCEPÇÃO



Guilherme Solari

Contents

[Sobre](#)

[Citação](#)

[Capítulo 1: Alguém se Divertiu](#)

[Capítulo 2: O Inferno Está Vazio](#)

[Capítulo 3: Devil Baby](#)

[Capítulo 4: Nós Quebramos as Leis dos Homens](#)

[Capítulo 5: A Casa da Dor](#)

[Agradecimentos](#)

[O Autor](#)

[Em seguida, em Cybersampa](#)

Imaculada Concepção

Escrito por Guilherme Solari
guilhermesolari.com.br

Copyright 2016

Revisão por Luisa Fochi

Capa por Bruno Dinelli
cargocollective.com/brunodinelli

Livro #1 da série CYBERSAMPA

"É um erro dividir as pessoas entre os vivos e os mortos: existem pessoas que estão mortas-vivas, e pessoas que estão vivas-vivas. Os mortos-vivos também escrevem, andam, falam, agem. Mas eles não cometem erros; apenas as máquinas não cometem erros, e elas produzem apenas coisas mortas. Os vivos-vivos estão constantemente errados, em busca, em questionamento, em tormento."

Yevgeny Zamyatin

Capítulo 1: Alguém se Divertiu

"O próprio toque do telefone soava como más notícias."

"Você perdeu - duas - horas da sua expectativa de vida."

Era a sexta vez que o Kraftwerk 2000 no pulso de Cascavel zumbia, após cada pequena dose engolida pelo detetive. A máquina era o processador de dados mais avançado de quarenta anos atrás, meia dúzia de gerações obsoleta àquela altura. Ela tinha um design industrial robusto em formato de caixa, um monitor de baixa resolução e um teclado com a tinta gasta pelo uso. O negócio teve que ser cirurgicamente implantado no antebraço de Cascavel, bem diferente dos processadores de realidade aumentada não invasivos que faziam sucesso entre a garotada.

Cascavel não tinha certeza de como a máquina estimava o quanto ele ainda viveria. Ele ouviu que usava um algoritmo avançado para combinar estatísticas populacionais com dados tirados da corrente sanguínea do usuário. Ele só sabia que a coisa era precisa, ou pelo menos foi o que o bom doutor garantiu. Cascavel apertou um botão e contemplou os números piscando na tela monocromática.

Um ano, dois meses, seis dias, uma hora e sete - agora seis - minutos de expectativa de vida restante.

Nada mau, Cascavel tinha tempo para mais alguns gorós. Ele já tinha chegado bem mais perto, afinal. Ele ganhou um ano extra comprando um coração sintético Brasletric-Yamaha. A amortização de cem anos era filha da puta, de fato, e os juros altos o bastante para comprar dez órgãos extras para o banco. Esse é o muito literal preço da imortalidade: quando você vive potencialmente para sempre, corporações bancárias podem te manter endividado por séculos - e até reanimar a sua carcaça para coletar se você dever muito. A vida custa e a morte é de graça.

Mas, sobre esse coração, que beleza ele era. Cascavel até deu uma de louco e comprou o modelo de esporte Jensen série 7 junto de um fígado artificial em liquidação. "Três vezes mais resistente à insuficiência hepática do que um órgão natural!", garantia o manual do usuário. Portanto Cascavel naturalmente entendeu aquilo como permissão médica para beber por cinco. Ele apontou para o copo vazio e o Wang o preencheu com o destilado caseiro que ele fazia. Bá-Jú, algo do tipo. Uma tradicional receita chinesa aditivada com isótopos radioativos suficientes para te fazer brilhar depois de você engolir algumas doses. O detetive virou o copo transbordante em um único movimento, contraindo o rosto conforme a bebida queimava a sua garganta.

"Você perdeu - duas - horas da sua expectativa de vida," bipou o Kraftwerk 2000.

Então o telefone sobre o balcão tocou. Ele estava coberto por uma fina camada de poeira grudenta, assim como o resto do Boteco do Wang. Fato que dava um certo charme decadente ao estabelecimento, assim como bactérias ainda desconhecidas pela ciência moderna. O telefone tocou e tocou, e nem Cascavel nem Wang moveram um músculo. De alguma forma, o próprio toque do telefone soava como más notícias.

"Você não atende?" perguntou Wang. "Ser pra você, laowai."

"Como você sabe?" replicou Cascavel.

"Porque você único que ainda usa telefone. E único que tratar meu bar como escritório particular!" gritou Wang. "Quando você comprar comunicador móvel? Eles barato! Então pessoas te achar fácil o tempo todo!"

"Por isso mesmo que eu não compro," Cascavel disse. "Tá, eu atendo essa porcaria. Me passa o cordão."

Cascavel pegou o fio do telefone e plugou na abertura USB do seu processador. Imediatamente uma imagem apareceu em seu Kraftwerk 2000.

"Já bebendo, Cascavel?" o detetive podia ver o característico sorriso tubarônico do comissário Sakurai mesmo no monitor de baixa resolução. "Você nem está nem mais esperando dar meio-dia?"

O comissário Sakurai trabalhava para a Proctech Inc, uma das maiores corporações de policiamento com contratos de segurança com a administração de Megasampa. Comissário era um termo meio fantasioso, uma relíquia de quando ainda havia um governo não-privado, e ele ainda tinha uma polícia. Hoje em dia equivale a um gerente do médio escalão na hierarquia corporativa, mas Sakurai gostava de se ver como uma mistura de xerife com executivo nível C.

"Sempre é meio-dia, comissário," o detetive falou enquanto Wang o servia mais baijiu. "Em algum lugar."

"Sabe, é disso que eu gosto em você, Cascavel. Você pode perder a sua dignidade, mas nunca o seu senso de humor. Eu tenho outro freela pra você."

"Eu imaginei que você não tinha me telefonado por causa da minha personalidade adorável," Cascavel disse enquanto virou outro drink e Kraftwerk 2000 educadamente subtraiu duas horas de sua expectativa de vida. "Mas você sabe que eu estou deveria estar aposentado, comissário."

"Pessoas como você nunca se aposentam, Cascavel. Pelo menos não até encontrarem um forma de pagar a conta do boteco com sarcasmo."

Cascavel tinha que conceder que o desgraçado tinha razão.

"Me fala mais desse freela," Cascavel disse cortando com a sua faca kukri um bolovo de Soyent verde que o Wang o serviu. Cascavel não tinha certeza o que colocavam naquilo, mas, rapaz, o gosto era bom.

"Nós encontramos dois corpos."

"Sei..."

"Americanos."

"E..."

"No Novo Bronx."

"Poxa, é uma tragédia e tudo mais, comissário, mas dois presuntos gringos prontos pros recicladores soam como um dia na média do Bronx. Se a gente agora está chorando cada vez que isso acontece, você vai ter que aumentar minha taxa pra que eu possa comprar umas glândulas lacrimais novas."

"Caramba, como você é frio, Cascavel. Você não acabou de arranjar um coração novo?"

"Sim, arranjei. Um preto."

Sakurai deixou escapar uma risada desconfortável.

"Além do mais, duvido muito que eles tenham seguro de proteção," Cascavel continuou. "A Proctech está tendo acessos de generosidade querendo ajudar a comunidade?"

"Claro que eles não têm seguro. Nós fomos contratados pela administração municipal."

Isso era ainda mais estranho. Megasampa era atualmente controlada pela Omni Cities, braço de administração de cidades da Corporação Omnibank. Eles tinham fama de serem uma espécie de utopia de contadores, de mão fechada até para os padrões de um conglomerado financeiro. E não era como se o Novo Bronx estivesse cheio de consumidores. Ou investidores. Ou eleitores.

"Um dos corpos é de uma mulher, ela está esfaqueada. Mais do que o normal. Alguém se divertiu com ela."

"E o outro?"

"Uma decapitação comum até onde vimos."

"Você acabou de descrever uma dúzia de vendas de lacrimas que deram errado. Ainda parece como uma manhã normal do gueto pra mim."

"Não é só isso, tem desenhos por toda a parte. Você sabe, essa macumba louca aí que você lida. Os medidores das redes sociais estão fora de escala, digamos apenas que a comunidade local está um pouco inquieta. Também mais que o normal."

Cascavel lembrava a última vez em que o Novo Bronx ficou mais inquieto que o normal. Foi preciso dois meses de lei marcial e uma intervenção federal do exército para acalmar as coisas. Agora tudo fazia mais sentido.

"E, deixa eu adivinhar, o prefeito em atividade está em cima de você porque inquietação é ruim para os negócios. E ele não quer inquietação num ano de renovação de contrato para a Omni Cities."

"É," Sakurai não conseguiu esconder a ansiedade. "Algo assim. Você imaginou então?"

"Como eu disse, comissário, você não me ligou por causa da minha personalidade adorável."

"Tá, tudo bem Cascavel, eu te liguei porque você é eficiente, está feliz agora? Agora vai lá e resolve essa. A sua taxa de sempre vai ser depositada na sua conta em 30 dias úteis."

"Mas só tem uma coisa que eu não estou entendendo, comissário," Cascavel falou enquanto nacos de comida saltavam de sua boca.

"O que é?" Sakurai respondeu em um tom monótono, ansioso para desligar.

"É que eu acredito que você antes considerava os meus métodos... como é mesmo que você colocou no relatório do caso Prandoni? Ah, é, 'questionáveis e sem base provada nas ciências forenses' e você acabou de me chamar de 'eficiente' agora. Eu estou um pouco confuso."

"Não vamos entrar nessa, C..."

"Eu fico pensando... eu era 'questionável' alguns meses atrás e agora sou 'eficiente' e tudo o que eu fiz foi coçar o meu saco esse tempo todo. Então eu não deixo de ficar curioso sobre como foi que eu fiquei tão 'eficiente' de repente."

"Olha, Cascavel..."

"Ou talvez eu não tenha ficado mais eficiente. Talvez é só você que ficou mais desesperado."

"O que você quer que eu diga, Cascavel?" Sakurai soltou. "Você quer que eu peça desculpas? Desculpa. Pronto."

"Desculpa é o caralho," Cascavel disse enquanto pediu para o Wang outro bolovo de Soylent. "Eu vou receber o dobro da minha taxa desta vez, despesas de investigação não-inclusas. E a minha bunda

não vai sair deste assento até eu ver metade do depósito na minha conta. O resto você pode me pagar depois de eu resolver o seu caso."

"O-o que?! Son of a bitch, você sabe que todos os pagamentos precisam ser aprovados no orçamento antes..."

"O que eu posso dizer, comissário? Esse é o preço que você paga por eficiência hoje em dia. Tenho certeza que você pode achar um jeito de cobrir a minha taxa por uma das suas contas corporativas 'alternativas'. Seja criativo."

Sakurai não gritou mais, mas a sua imagem parecia expelir fumaça como em um desenho animado antigo.

"Tá certo, Cascavel. Só faz o abracadabra aí que você costuma fazer, esse negócio precisa ser resolvido ou o prefeito em atividade vai me carcar, e daí você sabe o que vai acontecer."

"Aí você vai me carcar, e eu vou carcar algum outro filho da puta, assim por diante. Roda cármica e tudo mais."

"Exatamente. Eu vou mandar um hover patrulha te buscar e te levar pra cena do crime. É em um lugar chamado Hotel galante. O seu contato lá vai ser a tenente Chaves. Ela vai te explicar tudo."

Sakurai se aproximou da câmera, e seu rosto ficou oblíquo e assimétrico no monitor pixelado.

"E eu não estou brincando, Cascavel. Esse caso precisa ser resolvido de verdade. Eu estou enterrado nessa e isso quer dizer que você também está. Ah, e, é, feliz aniversário detetive."

A imagem de Sakurai desapareceu do processador de Cascavel e o detetive desplugou o USB, mastigando contemplativo enquanto Wang limpava um copo com sua saliva.

"Ê, laowai," Wang disse. "Hoje mesmo seu aniversário?"

Wang morava no Brasil já fazia trinta anos, mas o seu sotaque cantonês era tão pesado que parecia que ele tinha acabado de descer da nau de gravidade. Cascavel podia jurar que ele fazia esforço consciente pra se afundar no estereótipo do chinês que não fala direito só para provar alguma coisa."

"É sim," respondeu Cascavel.

"Shengrì kuàilè! Parabezinações!"

"Valeu, Wang. Mas eu não acho que eu tenho muito o que celebrar. Eu vou trabalhar pra um comissário nervosinho que vai tentar me ferrar em cada oportunidade e depois eu vou jantar com a minha família. E eu não sei o que é pior."

"Ê, não ser assim, laowai. Aniversário é quando você nascer de novo. Nova vida pra você! Aqui, leia a sua sorte num biscoito de tapioca, sim? Eu ter o certeza que ser bom. Se não for, próximo baijiu de graça pra você."

Cascavel pegou o doce oferecido por Wang e o quebrou ao meio. Um dragão holográfico saltou do biscoito e sobre ele se materializou uma frase em neon colorido: "Tenha muita cautela ao aceitar novos desafios profissionais!"

Wang balançou a cabeça e disse algum palavrão em cantonês, conforme ele enchia novamente o copo de Cascavel.

"Olhe em lado positivo, laowai. Baijiu de graça pra você. Shengrì kuàilè!"

"É, o lado positivo," Cascavel repetiu antes de entornar o copo.

"Você perdeu - duas - horas da sua expectativa de vida."

O hover patrulha da Proctech pousou bem em frente do Boteco do Wang. Os policiais precisaram confirmar duas vezes com a central até acreditarem que aquele era o investigador especial que eles deviam buscar.

Pra começo de conversa, ele parecia mais bêbado que um quati. Ele usava um tapa-olho e tinha tatuado no pulso direito três espirais interligadas que formavam o triskelion da tradição da magia hermética. No antebraço esquerdo, um processador antiquado de primeira geração e uma mão protética. Ele vestia um sobretudo marrom de vinil com a cor desbotada pela chuva ácida e uma faca kukri no cinto. Seu rosto estava tomado por rugas e cicatrizes. Seu cabelo era completamente branco.

Cascavel pediu para que um dos policiais o ajudasse a pegar o equipamento em seu escritório, convenientemente localizado acima da toca do Wang. Ele deixou o prédio depois de alguns segundos com o policial atônito carregando um cobertor de lã sintética, um "gravador" antigo e um jarro de argila. Eles foram pisando na rua levemente inundada até o hovercarro.

Chovia em Megasampa, como sempre. Devido às mudanças climáticas, sempre ao menos garoava abaixo das permanuvens que flutuavam sobre a cidade. Megasampa, a expansão urbana formada quando as regiões metropolitanas de São paulo e Rio de Janeiro se encontraram no meio do século 21. Ela ainda cresce, louca e descontrolada como um mofo de concreto e aço que toma a maior parte do sudoeste do Brasil. A megalópole termina no leste nas "águas" do Oceano Atlântico, uma massa de poluição e eflorescência algal densa o bastante para você correr sobre ela, caso não tenha medo de ser engolido por alguma enguia mutante. E ao oeste, as grandes muralhas que tentam retardar o avanço da desertificação e das tempestades de areia do centro do país.

O hover decolou lentamente, desviando da miríade de cabos conforme ele se erguia entre as Arcologias dos Shoppings-Estado, de centenas de metros de altura. Caixas de metal e concreto que dominavam o horizonte da megalópole. Os Shoppings-Estado começaram como centros comerciais que receberam áreas residenciais, mas evoluíram para comunidades autosuficientes. Depois da destruição das Guerras das Compras dos anos 2070s, algumas Arcologias receberam independência legal. Cada uma criou suas próprias leis, e cada uma afundou em sua própria subcultura. A maior parte das duas bilhões de almas de Megasampa nasce, cresce, vive, envelhece e morre sem nunca sair da caixa onde nasceu.

O hovercarro chegou na altura das permanuvens, o cheiro sulfúrico e azedo era forte o bastante pra invadir o veículo pressurizado, lacrimejando o olho de Cascavel. Passando a névoa poluída, Cascavel foi cegado por alguns segundos conforme seu olho se ajustava. O sol, brilhando vermelho e antigo através da estratosfera. Cascavel cultivou pensamentos nostálgicos conforme ele observava a paisagem escarlate cheia de nuvens cortadas por torres corporativas, Arcologias construídas pela metade e abandonadas, e chaminés metálicas expelindo chamas tóxicas.

E ele viu o elevador espacial, subindo das nuvens como um pé de feijão mágico e se perdendo no azul profundo do céu. Meio século de construção, custando centenas de trilhões de cryptoreais superfaturados, sobrevivendo a uma dúzia de escândalos de cartéis, a perda de milhares de vidas de construtores e dois ataques a bomba dos Confederados. Ele prometia ser uma das maiores realizações de engenharia da humanidade quando inaugurado em alguns meses. Ele prometia acesso barato para as colônias ultramundo de Nova Brasilis para as massas de colonizadores em potencial que se abarrotavam na velha Terra. Ele prometia ser uma literal escada ao céu para bilhões que precisavam desesperadamente de uma nova vida.

Cascavel olhou para as poucas estrelas tímidas que apareciam no zênite escuro do céu próximas ao

topo do elevador espacial, mas ele não viu nenhum paraíso ali. Apenas um outro purgatório.

Depois de quase duas horas presos no trânsito voador apesar das sirenes, eles chegaram ao Hotel Galante. O hover ainda não tinha nem pousado quando foi atingido pela primeira pedra.

"We want justice! We want justice!" gritava uma multidão na direita.

"Frack you po-lice" bradava um grupo na esquerda.

"Murderers!" clamou uma única voz, aplaudida pelo resto da turba, que se uniu em um coro. "Murderers! Murderers!"

As forças de terra da Proctech retaliaram lançando contra a horda de imigrantes microondas "pacificadoras", mas conforme um lado recuava do calor "intolerável, porém humano", os protestantes de trás apenas ficaram mais enfurecidos e invadiram o campo de "negação ativa" de contenção tesla, onde o hover pousava. O cheiro de carne queimada subiu conforme as primeiras pobres almas do grupo caíram na carga elétrica "não-letal" e foram pisoteadas pelos manifestantes de trás.

Um dúzia de protestantes segurou o carro patrulha conforme ele ainda pairava a alguns metros do chão. O piloto tentou subir, mas o peso extra carregou o veículo para baixo, danificando a turbina frontal direita.

"Desliga! Desliga!" gritou o policial ao piloto, enquanto Cascavel se agarrava ao assento traseiro. "Desliga a porra da outra turbina ou a gente vai rotacionar e estolar."

O piloto obedeceu e o hover caiu como um pássaro morto, esmagando alguns manifestantes. O resto da turba comemorou e escalou o veículo, alguns deles vestindo bandeiras dos Confederados como capas. Eles começaram a bater nas janelas com ferramentas improvisadas e Cascavel podia apenas observar as rachaduras se espalhando no vidro a cada batida. Ele e os dois policiais gritaram juntos quando um coquetel molotov aterrissou sobre o capô, o calor das chamas começando a queimar o parabrisa.

De repente, um som ensurdecidor. Cascavel viu pessoas gritando, mas não ouvia nada além de um zumbido constante. Manifestantes confusos caíam e fugiam com orelhas ensanguentadas da "sensação auditória desconfortável" causada pelos pulsos sônicos. Tropas de choque Proctech em armaduras elétricas avançaram, "pacificando" os retardatários com bastões de choque de "atordoamento". Um dos soldados abriu o teto do hover patrulha como uma lata de sardinha e ajudou Cascavel e os dois policiais a saírem.

"Bem-vindos ao Novo Bronx," a voz do soldado soava metálica e alienígena de fora do exoesqueleto.

Alguém conduziu Cascavel à entrada do Hotel Galante. Quando as tropas humanas se afastaram da aglomeração, os drones começaram a soltar "estimulante negativo", o gás de epilepsia agente amarelo.

Hotel Galante conseguia aparentar decadência até para os padrões do Novo Bronx. O letreiro de neon piscava "Ho el G la te" e o último "e" estava torto e prestes a cair. O cheiro de esgoto nativo das ruas alagadas de Megasampa era complementado por um forte aroma de mofo assim que se entrava na estrutura. Era um hotel "das antigas", no sentido que ele ainda tinha quartos de verdade ao invés das

cápsulas de sono dos estacionamentos humanos. Isso também significava que o Hotel Galante não era necessariamente procurado por pessoas querendo apenas dormir.

"Onde está a tenente Chaves?" Cascavel gritou ao policial assim que entrou no lobby. Ele e os dois acompanhantes ainda estavam parcialmente surdos devido aos pulsos sônicos.

"Quarto 52-C," o homem respondeu. "Quinto andar."

O elevador velho parecia uma armadilha de engenharia, portanto Cascavel foi com calma pelas escadas, descansando um pouco a cada andar. Ele precisava guardar um dinheiro para novos pulmões, ou largar de fumar aqueles funis elétricos bolivianos. Por sorte ele ao menos conseguiu hackear o seu Kraftwerk 2000, ou ele apitaria a cada tragada. Cascavel finalmente chegou ao quinto andar e encontrou uma mulher em um uniforme de oficial Proctech na entrada do quarto.

Ela tinha um monóculo digital inundando seu olho direito com informação, uma Auto 9 no coldre do cinto e uma espada Vörpal nas suas costas. Diferentemente do processador de informações de Cascavel, o dela projetava elaborados hologramas de alta definição em seu antebraço. O detetive podia apenas estimar que tipo de augmentações biológicas e mecânicas ela tinha, mas ela certamente parecia robusta o bastante para correr através da parede. Cascavel notou que a mão de tiro era mecânica, possivelmente todo o braço, e o seio esquerdo dela havia sido removido. A tenente Cassandra Chaves tinha o típico ar predatório encontrado nos jovens e ambiciosos. Por séculos, a investigação policial no Brasil consistiu em torturar um pobre coitado qualquer para confessar o que precisava ser confessado, para que tudo ficasse bonito em relatórios e estatísticas. Mas Cassandra era uma raça diferente de tira. Ela realmente usava método científico para investigar. Até em Megasampa alguns casos de alto perfil precisavam, como o comissário Sakurai havia colocado, serem resolvidos de verdade.

"Você é o investigador especial?" a pergunta de Cassandra era também uma afirmação de descrença.

"Sim, sou eu. O meu nome é Cascavel," respondeu o detetive.

"O comissário disse que você viria," Cassandra falou conforme seus olhos corriam incrédulos pela face e corpo de Cascavel. Ela se contraiu involuntariamente como se sua mera visão fosse suficiente para contaminá-la com decrepitude. "Mas ele não parecia estar muito feliz."

"Nós temos um relacionamento de amor e ódio," disse Cascavel. "Com ênfase no ódio."

Cassandra não riu, seus olhos frios ficaram furiosamente estudando Cascavel.

"Eu não gosto disso nem um pouco. Eu estou cuidado desses casos estranhos desde o começo e quando eu peço suporte especializado ele me envia... seja lá o que você for."

Não era a melhor recepção, mas pelo menos era honesta. Cascavel podia respeitar isso.

"Bom, eu estou com tudo sob controle agora," ela disse finalmente. "Então por que você não senta e descansa os ossos?"

"Você descanse os ossos," respondeu Cascavel. "Mas ao fazer isso, saia da frente pra que eu possa fazer o trabalho que você deveria estar fazendo."

"Olha, vovô, eu não tenho tempo pra lidar com você. Então, se você quiser evitar problemas, por que você não vai embora?"

Cascavel ligou o seu funil boliviano e disse:

"Que bom que você falou isso, novata, porque a gente pode ter essa conversa logo de cara e deixar algumas coisas claras. Eu estou vestindo cuecas mais velhas do que você. E eu resolvi mais casos deixados em aberto por espertalhões do seu tipo do que você tem pelo no meio das pernas."

Cassandra estava brava agora, Cascavel podia sentir.

"Então esse não é o primeiro caso estranho que você encontrou, e eu aposto que você está correndo em círculos baixando no seu cérebro arquivos de ocultismo, daemonologias medievais, práticas de umbanda, magicka xamânica, bibliografias de espiritismo, até rituais de búzios, e você ainda não tem a menor ideia sobre o que você está lidando. O Sakurai não teria me chamado se ele não precisasse de verdade. Estou ficando quente?"

"Prossiga," Cassandra concedeu depois de uma pausa tensa.

"Eu poderia, mas seria desnecessário. A questão é, novata, me chame de 'vovô' mais uma vez e eu vou realmente deixar você lidar sozinha com esta merda. Agora, seja uma boa garota, saia da frente e deixe os adultos trabalharem, está bem?"

Cassandra parecia furiosa, mas ela saiu do caminho. E Cascavel entrou no quarto acompanhado dos dois policiais.

O quarto tinha os mesmos padrões de qualidade que Cascavel aprendera a esperar do hotel Galante. O chão tinha marcas antigas de pegadas, rachaduras escalavam as paredes, um ventilador semi-quebrado girava lentamente como que entediado, um vaso de flor de plástico ficava sobre a mesa suja ao lado da cama. O neon do outro lado da rua estava tão perto que o lugar tinha um constante brilho piscante de roxo e vermelho, mesmo com as luzes apagadas. No banheiro, Cascavel encontrou mofo tão desenvolvido que não o surpreenderia se ele logo chegasse à Renascença. Pareceria um buraco típico não fossem os dois corpos dilacerados sobre a cama.

Um dos policiais com o cobertor, gravador e jarra de argila, vomitou. Cascavel puxou os dois pelas orelhas e os expulsou do quarto por profanar a sua cena do crime antes de prosseguir com sua análise.

A vítima masculina estava intacta salvo pela cabeça, que não estava em nenhum lugar. Cascavel viu o que pareciam ser pegadas de sangue deixadas por pés descalços indo da porta até a cama, mas eles eram pequenos demais para serem de alguma das vítimas. Elas pareciam ser de uma criança. Havia cinco velas sintéticas em torno da cama, formando um pentagrama invertido.

A garota estava nua. Seus olhos não tinham íris ou pupilas, sua boca estava escancarada como que em um grito silencioso. Ela parecia envelhecida e estava branca igual leite, quase transparente, como uma água-viva. Clássica overdose de lacrima. Cacete, eles podiam chamar isso de overdose se não tinham ideia do que a substância era? A imprensa tentou adotar o nome que os gringos deram, "dreamtears", mas logo mudaram para lágrimas porque ninguém conseguia pronunciar a desgraça. Era uma nova e misteriosa droga tomando a megalópole de assalto e que segundo os primeiros relatos parecia uma lágrima translúcida, mas ninguém sabia o que era. Nenhuma organização policial conseguiu apreender uma grama sequer do negócio, ele evapora no ar se não é preservado por um processo desconhecido. Autópsias e testes de sangue eram inúteis, nenhuma anomalia ou reagente químico diferente era encontrado. Era como se a coisa em si não quisesse ser estudada. "Especialistas" batiam boca longamente em programas vespertinos de holodrome, dizendo que podia ser histeria coletiva, de origem extraterrestre, macumba ou alguma nanotecnologia russa. Escolha a sua opção favorita.

A garota não passou só por uma overdose, no entanto. Sua garganta estava cortada e o seu peito esgarçado com as colunas à mostra como uma quimera no matadouro. Ela não tinha órgãos internos, como se algo tivesse explodido para fora dela. Cascavel podia ver os restos manchados de clássicos glifos de magicka pelas paredes e pelo corpo dela, mas não apreciou a caligrafia desleixada. Cascavel abaixou o

quanto sua artrite permitiu e iluminou embaixo da cama com seu Kraftwerk 2000. Tinha mais uma coisa inscrita ali.

O detetive olhou para a porta e Cassandra estava lá.

"Novata! Que bom que você decidiu dar as caras," disse Cascavel. "Você identificou os corpos?"

"Os funcionários disseram que o homem sem cabeça era Sandro Pereira, o zelador do hotel, e o DNA confirma. A garota se chamava Patricia Smith, uma prostituta sem licença."

"Me faz um upload das fichas deles."

Cassandra encarou o Kraftwerk 2000 de Cascavel.

"Essa coisa sequer tem suporte wireless?"

"Não, mas me passa um fio com plugue de entrada."

Cassandra balançou a cabeça.

"Nada feito nos últimos vinte anos tem um 'plugue de entrada'."

"Me projeta as fichas na parede então."

Após um suspiro, Cassandra obedeceu e apertou botões holográficos em seu antebraço.

Cascavel não achou nada de estranho nos dados do sujeito, e achou que isso por si só era estranho. A garota estava na cidade fazia apenas seis meses. A típica americana inocente buscando o Sonho Brasileiro, tentando não morrer de fome ou radiação no que restava do hemisfério norte para morrer de alguma outra coisa aqui. Ela era uma professora, PHD em literatura inglesa clássica. Mas prostituição estava em maior demanda nesses dias.

"A IA central ainda está escaneando o sangue deles em busca de venenos ou substâncias ili..." Cassandra estacionou sua sentença no meio conforme Cascavel pegou um pouco do sangue escuro e o colocou na boca, gargarejou e cuspiu fora.

"Não, eles estavam limpos, pelo menos fisicamente," Cascavel disse com seus dentes sujos pelo sangue. "A garota estava viva quando as entranhas foram levadas."

"E você sabe disso pelo... gosto do sangue?"

"Pelo cheiro e pela cor também," Cascavel disse. "Mais algum traço de DNA fora as vítimas?"

"Bom, o lençol tem o equivalente a dois times de futebol de amostras de esperma, mas parece ser antigo. Eu imagino que a garota estava viajando nas lágrimas no quarto por alguns dias. O zelador entrou para checá-la - ou roubar ou violentar - e alguém o surpreendeu por trás e depois pegou ela também," Cassandra disse.

"Bela teoria. E quanto às pegadas ensanguentadas?"

"Foram plantadas," Cassandra disse. "Uma tentativa de atrasar a investigação e inflamar os populares."

Cascavel olhou novamente debaixo da cama e chamou Cassandra.

"Dá uma olhada nisso."

Havia um estranho desenho ali cheio de símbolos ininteligíveis, ainda mais estranhos que os na garota.

"O que é isso?" Cassandra perguntou.

"Uma tentativa ruim de fazer um selo de Salomão."

"E que porra é um selo de Salomão?"

"Uma barreira de proteção contra demônios conjurados, pelo menos quando executado corretamente. Esse está invertido, como se alguém estivesse tentando proteger a vítima sacrificial ao invés de prender uma entidade dentro dela. Esses malditos amadores baixam textos básicos de daemologie medieval da aethernet e vão em frente tentando conjurar um súcubo," Cascavel disse. "Provavelmente o zelador aí queria uma escrava sexual."

"Espera, você tá dizendo que um demônio fez isso?"

"O que eu estou dizendo é que o zelador provavelmente achava que estava conjurando um demônio. E em noventa e nove de cada cem desses casos não tem nada sobrenatural acontecendo. Geralmente alguém enche a cara e alucina que encontrou o capeta. Ou realmente é alguém fingindo algum fenômeno paranormal para distrair a investigação. Como no Scooby-Doo."

"Que porra é um 'Scooby-Doo'?"

"Deixa pra lá," Cascavel disse balançando a cabeça.

"E... em um caso em cada cem realmente tem um demônio assassino à solta?"

Cascavel olhou em silêncio para Cassandra e fumou seu funil boliviano.

"A gente vê isso se for o caso," Cascavel disse. Ele pegou o seu cobertor e o seu jarro de argila e sentou em uma cadeira.

"E é um pena que a cabeça do zelador não está aqui," ele disse. "Eu gostaria muito de interrogá-lo."

Cassandra não entendeu a piada.

"Certo... bom, o gerente está aqui. Se você quiser interrogar alguém vivo pra variar," ela falou.

"É, fazer o quê? Traz ele então, novata. Mas antes eu preciso de dez minutos. E de um balde," disse Cascavel.

"Porque você precisa de um balde?" Cassandra perguntou.

Cascavel abriu o jarro de argila, e um fedor pungente tomou conta do quarto.

"Para que eu não vomite no chão," e Cascavel virou o jarro e bebeu tudo o que havia lá dentro.

Cassandra não precisava de seu processador de dados para saber que, seja lá o que o "investigador especial" bebeu, era pra lá de tóxico. Mas todo tipo de luz de alerta acendeu nos detectores de substâncias do seu monóculo digital.

Era melhor ela arranjar mesmo aquele balde.

Capítulo 2: O Inferno Está Vazio

"Os Torres se orgulhavam de uma coisa acima de tudo: eles eram normais."

"Eu imaginei que você fosse ligar," disse Sakurai. "Qual o problema, Chaves?"

"O problema? Bom, senhor, o seu 'especialista' é completamente maluco! E eu devo ser mais ainda, porque estou levando um balde pro lunático vomitar," Cassandra respondeu conforme subia as escadas carregando um balde em sua mão direita. "Esse é o problema. Senhor."

"Entendi," disse o comissário. "O detetive Cascavel pode ser pouco ortodoxo, eu sei..."

"Pouco ortodoxo? De acordo com ele, o nosso principal suspeito pode ter chifres, pés de bode, olhos de enxofre, um rabo pontudo e exala um distinto odor sulfúrico. Eu posso chamar um desenhista digital, mas acho que bastaria botar uma imagem do Satanás no boletim de busca."

Sakurai se manteve impassivo.

"Ele disse que um demônio está por trás disso?"

"Ele disse que é uma possibilidade. De onde é que você desenterrou ele? Da Idade Média?"

Sakurai fez uma pausa, como se considerasse suas palavras.

"Tenente Chaves, o seu trabalho não é acreditar em nada, não é gostar de nada, mas é seguir ordens. E suas ordens são para dar apoio à investigação do detetive Cascavel. Continue relatando tudo, e quero dizer tudo, diretamente para mim."

"Mas, senhor..."

"Eu não quero mais ouvir nem um pio sobre isso, tenente," disse Sakurai. "Você acha que eu não sei que o Cascavel é louco? Claro que ele é louco! Mas se tem uma coisa que eu aprendi trabalhando com esse doido é que o nosso mundo pode ser mais louco ainda. É por isso que ele é o lunático de quem nós precisamos."

Sakurai encerrou a transmissão e Cassandra socou um buraco na parede.

Cascavel sentiu ele crescendo, se movendo e chutando em sua barriga como um feto enfurecido.

Ele não estava contente. O álcool e os produtos químicos modernos maculavam o estômago do detetive, as corrupções de metal substituíam partes de sua mente e corpo. Mas, acima de tudo, ele estava contrariado por ser acordado nesse mundo moribundo de frio e aço. Ele não conseguia ouvir os espíritos usuais e estava com medo.

Ele dava coices como um cavalo. Queria saltar da boca de Cascavel, voltar a não ser, mas o

detetive engoliu a ânsia. Ele respirou lentamente e o domou como um cavalo selvagem.

"Uiquê récuera ayauasca," Cascavel disse em um idioma esquecido.

Ele se fundiu com a mente de Cascavel e o detetive abriu os olhos. Todos eles, desta vez.

Um redemoinho de um milhão de cores impossíveis, memes competindo por sobrevivência nas linhas do tempo, ondas mentais queimando através da noosfera, riachos de auras pulsantes, o zumbido ensurdecedor do neon fora da janela, o lento voo de uma mosca mutante, o vagaroso giro do ventilador que durava eras, o sangue na cama, paredes e teto, o cheiro de morte e o ácido da chuva lá fora. Tudo era o mesmo. Não existem duas coisas não relacionadas no mundo quando você tem os olhos certos para enxergar. Nada é irrelevante. O que chamamos de caos é apenas a nossa incapacidade de compreender a lógica fundamental por trás de tudo.

Demais. Muita informação. Cascavel respirava inquieto, o som de carregamento ressoou em sua célula de irídio conforme seu coração artificial trocou de marcha para aumentar o ritmo da pulsação. Ele queria chorar, mas o Vegetal o acalmou como uma mãe faz com um filho assustado. Ele não estava sozinho. Ele lembrava agora. Ninguém jamais estava. Nós somos todos a mesma sopa de medo e sonhos.

"Aweté, avaré."

Cascavel tremeu, o frio penetrando o seu sobretudo de vinil, e ele se abraçou. Ele sentiu o quarto. Ele olhou como os dois corpos estavam posicionados. Eles pareciam íntimos. A mão da garota pode ter caído para o lado quando ela morreu, mas parecia que alguém a segurava. As auras dos corpos estavam reduzidas, mas era mais do que isso, era como se elas tivessem sido parcialmente apagadas. Havia vestígios de outra aura ali, algo escuro, que sugava a vida como um buraco negro suga a luz. Parecia ao mesmo tempo antigo e novo. Cascavel nunca sentira algo assim antes.

O detetive colocou os fones de ouvido e ligou o gravador. A fita cassete rolou.

"Que diabo você está fazendo?"

Cascavel viu Cassandra na porta. A aura dela também estava diminuída pela perda de essência devido às augmentações, mas ainda era vermelha e amarela, oscilando selvagememente como uma floresta em chamas. "Aqui está o seu balde, sua excelência."

"Eu estou tentando ouvir," respondeu Cascavel.

"Ouvir o quê?"

"O nosso daemônio," prosseguiu o detetive. "Aqui, ouça isso."

Cascavel tocou a fita e de início Cassandra ouvia apenas estática e barulhos de fundo, mas então...

"Um choro," ela disse. "Um bebê chorando. Eu posso tentar conseguir uma gravação melhor com o meu processador."

"Não perca o seu tempo, novata. Este aparelho é único. Ele grava emanções de uma... digamos, 'frequência' diferente de sons normais."

"E você tem certeza que não veio com isso gravado e está tirando uma com a minha cara?" Cassandra disse.

Cascavel apertou de novo o botão e Cassandra ouviu a frase que ela que havia acabado de dizer com o mesmo choro de fundo.

"Também tem outra voz, falando algumas frases," Cassandra notou. "O computador talvez consiga determinar a língua."

"É o idioma Aklo. Eu não consigo identificar direito as palavras, no entanto. Só entendi algo como 'por que não se desesperam?'"

"Aklo? De que canto esquecido do planeta é o Aklo?"

"De nenhum canto do planeta. É um dialeto infernal."

"Infernal do tipo... do inferno?"

"Isso mesmo," Cascavel falou. "Por acaso a garota estava grávida?"

"Não, não estava. Nós checamos o sangue e os níveis de hormônios."

"Talvez ela só não estivesse grávida da forma que estamos pensando," Cascavel ponderou mais para si mesmo.

"Mas, calma, espera um pouco! Olha, eu estou tentando manter a minha cabeça aberta aqui," Cassandra disse. "Tá, muita coisa não faz sentido neste caso e eu não sei direito o que está acontecendo. Eu sou grandinha, eu posso aceitar isso. Mas você espera mesmo que eu acredite que um demônio veio do inferno e fez isso?"

"Ah, não, eu não acho que ele veio do inferno de forma alguma," Cascavel falou conforme bafurava seu funil boliviano. "Deixe-me te contar o que eu aprendi sobre o inferno, novata. O inferno é um lugar real. Você pode realmente ir pra lá. Não fisicamente, claro, mas você o encontra em noites em claro, no fundo de uma garrafa de bebida, quando você enterra alguém que ama. Eu o vi. E acredite você, ele pode ser mais real que a própria realidade. No entanto, e isso é o que você encontra quando você desce esses degraus, não existe demônio algum no inferno além de você. O inferno é onde o tudo vira o nada. O inferno está vazio."

Cascavel cobriu o corpo e a face da garota com o lençol.

"O inferno está vazio, todos os diabos já estão aqui. E se não fizermos nada, esse diabo vai matar de novo. Vamos conversar com esse gerente."

Cascavel deu alguns passos, mas parou subitamente e se virou.

"Mas antes me passe esse balde."

O gerente era um velho imigrante americano. Ele chegou matraqueando em inglês feito louco e Cascavel notou um sotaque sulista.

"Esse é o sr. Stewart," disse Cassandra. "Até agora as únicas coisas que ele falou em português foram 'advogado' e 'abuso policial'. Eu posso colocar o meu processador pra traduzir, mas não vai ser perfeito. Ainda mais com ele tagarelando assim."

"Não há necessidade, o meu inglês é bom o bastante para nós nos entendermos," Cascavel disse sinalizando ao gerente que sentasse, o que ele fez. Então Cascavel sentou-se do lado oposto da mesa, acendeu seu funil e exalou deliberadamente devagar.

"Ha ha rapaz, você está encrencado," falou Cascavel, cortando o discurso do homem. "Dois corpos mortos no seu hotel. Ouch."

Stewart voltou a matraquear. O homem tinha o que o detetive chamava de "habilidades seletivas de linguagem". O que significa que ele tinha dificuldade em entender quando não é conveniente. Mas Cascavel era bom em tornar as coisas convenientes.

Cascavel riu alto e mais alto, chegando a um ponto tão ridículo que o gerente não pôde evitar de calar a boca e olhá-lo pasmo. E então Cascavel voltou a falar.

"Você sabe, eu podia usar o tratamento de silêncio, ou toda a estratégia tira bom/tira ruim, ou dizer coisas como 'você precisa me ajudar a te ajudar' ou outra rotina de interrogação que tenho certeza que você já encontrou diversas vezes. Sendo o gerente de um estabelecimento de requinte como este, afinal. Mas, mother of god, você está tão enfiado no rabo do tihoso nesta que eu nem preciso. Então, ou você fala algo muito ÚTIL e muito AGORA, ou você vai extraditado de volta pro Deserto do Norte. Ainda nada? Tá certo. Opa, você aí! Leva ele de volta e chama o chefão pra..."

"Não, não, espera. Espera, por favor," disse Stewart, lembrando português. "Eu falo!"

"Então... fale."

"Eu não tive nada a ver com isso."

"Isso sequer registrou na minha escala de utilidade."

"Tá, olha, a Patricia e o Sandro vieram aqui faz um mês. Ele pagou as primeiras semanas num cartão, depois estava pagando com trabalho. Estavam morando juntos. Você sabe, boyfriend and girlfriend."

"Está ficando quente, mas até aí eu já imaginava. Ainda não é bom o bastante."

"Eles se conheceram em um programa."

"Ele contratou os serviços dela e aí eles se envolveram?"

"Não esse tipo de programa, um programa de teste de uma corporação farmacêutica."

"Que programa? Que corporação?"

"Eu não sei. Olha, eu sou a vítima aqui! Eu não sei de mais nada! I swear on my mother's grave!"

"Onde a sua mãe está enterrada?" perguntou Cascavel.

"O que?"

"Eu perguntei onde a sua mãe está enterrada."

"O que isso tem a ver com..."

"Onde a sua mãe está enterrada?" pressionou Cascavel. "ONDE A SUA MÃE ESTÁ ENTERRADA?!"

"NO KENTUCKY!" gritou o gerente.

"Ótimo, porque você vai poder ir lá e mijar no túmulo dela pessoalmente depois que eu deportar your ass back there!"

"Eu sou um cidadão brasileiro! Vocês são a polícia, vocês não podem..."

"Exatamente. Eu sou a polícia."

A face de Stewart ficou tão branca que fazia o branco parecer cinza.

"Eu... o Sandro perdeu a carteira dele alguns dias atrás. Está no meu escritório. Na segunda gaveta."

"Tenho certeza que ele perdeu," disse Cascavel, sinalizando para um policial ir buscá-la. "E a identificação dele está lá?"

"Sim."

"Parece que eles estavam fugindo de alguém. Aposto que a identidade vai ser tão falsa quanto a sua carinha inocente, sr. Stewart. Mas, como ele literalmente perdeu a cabeça... e quanto à foto no documento? É o mesmo cara?"

"Sim, ele era igual na foto. De verdade. I swear on my... quero dizer, realmente era ele na foto."

O policial voltou com a carteira digital. O detetive a abriu e olhou o rosto na identidade. Um dos cartões de vidro mostrava uma identificação de funcionário como assistente de laboratório em uma companhia chamada Aeon.

"Jogando o nome da empresa no sistema," disse Cassandra. "Aqui está. Aeon Tecnologias de Correção Biológica, especializada em drogas de fertilidade, gravidez assistida, remoção cirúrgica de tumores... o algoritmo de correlação mostra um link interessante aqui. Adivinha quem trabalhou alguns meses atrás como cobaia humana paga para um programa da Aeon Corp?"

"Eu imagino que uma trabalhadora do sexo chamada Patricia Smith," disse Cascavel.

"Exato."

"Estamos fora do horário comercial, então acho que vamos ter que visitar a Aeon Corp pela manhã," Cascavel disse se levantando. "Você está liberado, sr. Stewart. Nenhuma queixa será apresentada contra você. Mas eu queria pedir um favor pessoal, se você me permitir."

"O que você quer, tira?" Stewart disse, o ar de desafio retornando agora que o medo retrocedera.

"Não minta nunca mais em nome do túmulo da sua mãe," Cascavel disse. "One's mother is a precious thing."

Stewart foi pego de surpresa pela frase. A presunção foi limpa completamente de sua face e a sua expressão se tornou a de um garotinho olhando envergonhado para o chão depois de fazer algo que não devia.

"Ok," ele disse timidamente conforme Cascavel ia embora. "I won't."

O vento já levava para longe a maior parte do gás de epilepsia, mas Cascavel ainda teve que cobrir sua boca com um lenço conforme deixou o Hotel Galante. Não existem níveis aceitáveis de epilepsia. A Proctech tinha pacificado as ruas, mas a tensão ainda era palpável. Olhares mal-escondidos e cheios de ódio observavam de cada janela as tropas nas ruas do Novo Bronx.

Cascavel andou na chuva cobrindo o seu funil boliviano, esparramando água a cada passo. Ele se sentou no banco do passageiro do hovercarro patrulha de Cassandra e o veículo subiu entre os prédios. A arquitetura do Novo Bronx era curiosa. Edifícios centenários foram adaptados na gambiarra com fios de alta tensão ou tubos de banda larga colados nas fachadas como as veias de um viciado em informação.

"Pra onde?" Cassandra perguntou conforme puxava lentamente o manche.

"Bixiga," respondeu Cascavel. "De manhã você pode me pegar no meu escritório para visitarmos a Aeon. E por manhã eu quero dizer meio-dia. Vocês neomillennials levam tudo literalmente."

"Pro Bixiga então," a tenente disse.

Cassandra desplugou um dos fones de rádio conforme o veículo dançava entre o trânsito.

"Sabe, eu dei uma busca no seu passado nos Servidores Centrais da Polícia Privada."

"Eu imaginei que você iria," Cascavel disse. "É sempre bom tentar conhecer quem está trabalhando com você."

"E aí que foi estranho. Eu não achei uma ficha sua em nenhum dos bancos de dados."

"Eu imaginei que você não encontraria. E o comissário Sakurai não falou nada sobre mim?"

"Ele apenas disse que você era agora um consultor freelance e antes algum veterano de guerra. Mas

ele não disse de qual conflito."

Cascavel caiu na gargalhada.

"É, acho que você pode me definir assim. Bom, novata, os seus bots de busca não encontrariam nada que está arquivado apenas em fichas de papel."

"Fichas de papel?"

"Isso mesmo. Se você for fisicamente até os arquivos centrais e abrir algumas gavetas, quem sabe você encontre algo."

"Os provedores de inteligência corporativos foram digitalizados há mais de quarenta anos. Você não pode ser tão velho..."

"Sim, eles foram," Cascavel disse. "O tempo voa mesmo. Você pode me deixar aqui."

Cassandra desceu o hover até a plataforma de uma Arcologia. Mesmo com o carro já pousado, Cascavel continuou imóvel por algum tempo, como se estivesse buscando coragem para sair.

"Parece que você está indo pro matadouro," Cassandra observou.

"Quem me dera. Eu vou pra minha festa de aniversário agora."

"Tá. Feliz aniversário então. Eu acho."

"Obrigado. Eu acho."

Cascavel finalmente deixou o veículo, fechou a porta e depois apareceu novamente na janela.

"E depois me conta se você encontrou algo interessante sobre mim," ele falou rindo de novo conforme adentrava a estrutura gigantesca.

Os Torres se orgulhavam de uma coisa acima de tudo: eles eram normais. Assustadoramente normais, como gente de um comercial de cereal no holodrome. Um assalariado workaholic, uma mãe viciada, um filho com paralisia cerebral e uma filha perpetuamente deprimida e com raiva. Apenas uma família brasileira normal em busca do sonho brasileiro: empregadas baratas, novo hovercarro a cada cinco anos e viagens anuais de compra pra Hong Kong.

Quem abriu a porta foi Kimberly, a empregada americana indunterada em um contrato de dez anos. Praticamente da família.

Conforme entrou na residência dos Torres, Cascavel tentou ordenar seu cérebro a contrair os músculos faciais e conjurar um sorriso, mas não adiantou.

O primeiro a abraçar o detetive foi seu filho, Frederico, entusiasta do multitasking e da customização corporal. O abraço foi desengonçado, porque Frederico havia implantado um terceiro braço saindo de sua barriga. "Ele aumentou a minha produtividade em 33%!"

A próxima na fila foi a matriarca, Lúcia. Ela tomava anti-depressivos nas manhãs, depressivos na noite e todo o álcool que podia no meio termo. Cascavel não conseguia se lembrar da última vez que a viu não segurando um copo de caipirinha, que àquela altura considerava uma extensão natural do seu braço. Cascavel simpatizava com isso. Ele também seria mais alcoólatra que o normal se tivesse que coexistir com o seu filho diariamente.

E aí veio a Camila. Como muitos de sua geração, a ela nunca estava realmente presente no carnespaço, sempre meio-surfando a aethernete em um processador de dados implantado cirurgicamente

no olho e orelha esquerdos. Ela olhou para Cascavel com ódio ardente em seu olho não modificado. Como muitos de sua geração, ela dividia o mundo em dois grupos de pessoas: aqueles com menos de 16 anos e os velhos. E ela odiava os velhos. E Cascavel para ela parecia velho nível Jurássico.

E, por último, o filho, Frederiquinho, constante fonte de orgulho para o sr. e a sra. Torres. Cento e cinquenta quilos flácidos grunhindo e babando com seu olhar catatônico em uma cadeira flutuante. Sua cabeça pendia para o lado, fazendo com que um pequeno fio de baba escapasse da unidade de sucção em sua boca e caísse em seu peito, descendo o babador de plástico para dentro de suas fraldas e formando uma poça de saliva no chão. Frederiquinho era a própria imagem da juventude empreendedora do Brasil do século 22, e assim tinha a aptidão cognitiva de uma criança de três meses. Entenda, ele era um "Provedor de Atividade Neural e Sináptica", termo extravagante que significava que ele terceirizava o seu cérebro via um microchip em sua nuca.

As corporações perceberam que o cérebro humano ainda é o melhor e mais barato supercomputador que existe. Ele tem 100 bilhões de neurônios formando um quadrilhão de conexões sinápticas. Ele é portátil - pesa cerca de um quilo e meio, o mesmo que um melão - usa menos energia que uma lâmpada e pode se replicar a custo zero. E, sejamos honestos, a pessoa mediana precisa mesmo de 3,5 terabytes de memória em uma máquina orgânica que pode executar 38 trilhões de operações por segundo? Só pra afundar o traseiro no sofá e assistir ao holodrome depois de um dia de trabalho estafante?

"É aí que entra a terceirização mental!" Frederiquinho lera no panfleto antes de assinar. "Você vende o seu processamento neural para organizações que realmente precisam dele, como empresas de educação e pesquisa". Tecnicamente verdade, mas a maior parte da banda, na verdade, vai para corporações bancárias e de especulação financeira. O acordo médico chegava a mencionar em nanoletas uma incidência de derrame de 8%. Mas, ei, afinal é pra isso que serve o seguro!

A maior parte das pessoas terceiriza de 20% a 30% do seu cérebro e não sente nenhum efeito colateral, além de leve esquecimento e uma renovada apreciação por holotoons infantis. Mas Frederiquinho fez a coisa certa e tomou vantagem do premium maior, vendendo a quase totalidade de seu processamento em um contrato de cinco anos. Quem sabe depois ele vai viajar ou abrir um pequeno negócio.

O jantar de aniversário prosseguiu tão bem quanto podia se esperar. Frederico falou pelo que pareceu ser um século sobre a sua planilha de carreira corporativa. Um olho em Cascavel, outro checando as notícias em um tablet sobre a mesa. Olhos com mobilidade individual era outra das augmentações de produtividade de Frederico. Lúcia encarava, dopada dos pés à cabeça, os logos coloridos de marcas no jogo americano. Camila mexia sua mão freneticamente na interface de controle, muito provavelmente reclamando da vida com seus amigos de aethernete. Frederiquinho só babava.

E Frederico também falava como Cascavel precisava cuidar melhor da saúde, "afinal, na sua idade...". Ele precisava parar de beber e começar a fazer exercícios. Estava na hora dele se aposentar. A mamãe ia querer isso. Falou sobre como eles estavam vendo algumas brochuras de casas de repouso, se ele ao menos ouvisse, essas são muito confortáveis, bonitas, chiques.

Cascavel fincou sua kukri na mesa e a conversa mudou de rumo rapidinho.

"Pai, ehm, a gente comprou uma coisinha pra você," Frederico disse eventualmente. E por um minuto Cascavel pensou que podia ser bebida, mas suas esperanças foram esmagadas quando ele viu Kimberly arrastando da cozinha um caixa grande.

"O que é isso?"

"Vai, abre aí!" Frederico disse.

O detetive suspirou, pegou sua faca, se levantou, andou até o pacote e o abriu. Uma música MIDI de aniversário tocou, confetti voou, Lúcia riu histericamente e Frederico aplaudiu.

"Béééé."

"Que porra é... essa coisa?"

"É uma ovelha elétrica! Ela não é demais?"

"Eu estou vendo que é uma ovelha elétrica," Cascavel disse encarando o robô, que piscou de volta com seus sensores oculares. "Por que você está me dando isso?"

"Calma, pai, tenta ser positivo, ela é pra te fazer companhia," Frederico disse em um tom de condescendência enfurecedora. "Você sabe que a gente se preocupa, você está sozinho o tempo todo. Ou com... companhia não exatamente ideal."

"Não tem nada de errado em ficar no bar com o Wang, Fred."

"É que ele te encoraja a beber mais."

"É claro que ele me encoraja a beber mais, ele é dono da porra de um bar! E como é que essa... coisa vai me deixar menos sozinho?"

"Bom, você pode conversar com ela."

"É uma ovelha, filho. Não um papagaio elétrico."

"Não importa que ela não responde, pai, só falar com ela já vai ajudar a reverter a depressão e estimular funções cognitivas. Isso é muito importante na sua idade, eu li um artigo sobre isso outro dia mesmo."

A ovelha berrou de novo. O seu cérebro positrônico considerando que isso seria o que uma ovelha deveria fazer. Cascavel sabia o que a Cátia diria numa hora dessas, que o coração do filho deles estava no lugar certo. Pena que o cérebro estava na bunda.

"Eu não acredito que vocês fizeram isso!" foi Camila que gritou dessa vez. "Você é uma pessoa horrível! Eu te odeio!"

"O que foi que eu fiz?!" Frederico ficou tão assombrado que direcionou ambos os olhos a Camila. "Por que está todo mundo pegando no meu pé?"

"Você está APENAS reforçando o estereótipo de que as formas sintéticas de vida existem apenas para servirem de brinquedos para os seres humanos. Isso é fetichismo das máquinas do tipo mais nojento!"

"É, Fred. Como você ousa?" Cascavel disse sorrindo e apreciando ver seu filho na defensiva, para variar.

"É como se fosse um eletrodoméstico, Camila, não exagera."

"Um. Eletro. Doméstico?" Camila fumegou. "Como você acha que um androide se sentiria se visse você agindo dessa forma?"

"Eu não acho que ele se importaria," Frederico disse. "É só uma ovelha elétrica."

"Porque eu acho que ele não gostaria. Eu estou ficando com um androide e sei pelo que eles passam."

"VOCÊ ESTÁ O QUÊ?!"

É, a situação saiu do controle rápido.

Cascavel sentou-se para melhor apreciar o espetáculo. Ele tirou uma garrafa de baijiu do bolso de dentro de seu sobretudo, acendeu o funil boliviano e a ovelha deitou entre os seus pés. O show não desapontou. Kimberly se escondeu na cozinha. Frederiquinho grunhia, sentindo a tensão no ar. Lúcia ficou ao mesmo tempo gargalhando e em prantos e logo desmaiou.

"Olha o que você fez com a sua mãe!" Frederico gritou para Camila conforme acudia Lúcia.

"O que os vizinhos vão pensar?!" urrou Lúcia ao acordar.

"Como assim você está saindo com um rabodat?!"

"Você precisa chamar ele da palavra R?" gritou Camila. "Eles são androides! Você é um racista!"

"Racista?!" Frederico berrou. "NUNCA, em TODA A MINHA VIDA eu tive UM PINGO de racismo contra os... robôs, replicantes, androides, o que seja! A gente nem sabe mais como chamar eles hoje em dia!"

"Você não conhece um único androide!"

"Claro que conheço!"

"Quem?"

"Tem o... piloto automático do hover, com quem eu sempre converso sobre o tempo. O... a copiadora do escritório, sempre cumprimento ela."

Um momento de silêncio embaraçoso tomou a sala, quebrado apenas pelo som de Lúcia chorando.

"O que eu quero dizer é, por que querer sair com um androide?"

"Não que tenha nada de errado com isso!" gritou Lúcia.

"Claro que não!" concordou Frederico. "Mas é que existem... quantas pessoas neste planeta?"

"Cinquenta bilhões," disse Cascavel apreciando a cena enquanto acariciava o pelo sintético de sua ovelha.

"Isso mesmo! Obrigado, pai. Cinquenta bilhões de pessoas neste planeta. Por que você PRECISA namorar um androide? Eu sei como é, você está experimentando. Eu entendo isso. É natural. Eu mesmo tive um relacionamento com uma bot nos meus anos de faculdade."

"Isso é tão nojento. Transar com um sexbot não é um relacionamento, pai."

"Agora é VOCÊ que está sendo preconceituosa! Eu e aquela bot tivemos algo especial!"

Lúcia só chorou mais alto. Camila se entocou no quarto e bateu a porta atrás de si. Cascavel percebeu que reuniões de família não precisavam ser chatas no final das contas.

"Bom, obrigado pelo jantar. E pela ovelha," Cascavel disse se levantando, tomando isso como sua deixa para escapular também. "Mas eu acho que eu já tive entretenimento demais por hoje, até com o meu coração novo. Eu sou um homem velho e cansado, afinal."

Cascavel saiu e por diversos minutos Lúcia e Frederico ficaram quietos, digerindo mentalmente a recente discussão.

"Bom," Lúcia disse em uma breve janela de lucidez. "Pelo menos ela não está namorando um desses... estrangeiros."

Frederico arregalou os olhos e seu coração começou a palpitar só de imaginar.

Cassandra sempre achou que aquela porta velha do distrito levasse a um estação de reparos dos robôs de limpeza. Não, era a entrada para os arquivos físicos.

Ela cruzou o corredor mal-iluminado até um homem dormindo em uma mesa de recepção em frente ao que pareciam ser linhas infinitas de gabinetes de documentos. Cassandra jurava que podia identificar até uma fina teia de aranha conectando-o à luminária velha sobre a mesa. Ela apertou o sininho na mesa e foi ignorada. Ela então o esmagou através da mesa e o arquivista acordou. Ele olhou em volta e quase caiu de susto quando percebeu Cassandra logo na sua frente.

"Imagino que você não recebe muitos visitantes," Cassandra disse.

Ele olhou para ela com a descrença de um naufrago acordando um dia e dando de cara com outro ser humano.

"Não..." ele disse. "Não muitos. Como posso ajudá-la, tenente?"

"Eu estou procurando por uma ficha pré-digitalização, é de um homem chamado..."

"Cascavel," o arquivista completou.

"É," Cassandra disse. "Como você sabe?"

"Por que outro motivo alguém viria pra cá?" o homem disse abrindo um sorriso sabichão. "Eu espero que você dure mais que os outros."

"Que outros?"

O arquivista só sorriu de volta e balançou a cabeça. Ele adentrou o labirinto de estantes e, depois de cerca de cinco minutos, voltou com um arquivo com capa de couro, que entregou a Cassandra.

"Divirta-se. As mesas de leitura ficam ali."

As mesas estavam todas cobertas por poeira e ela se ajeitou em uma que parecia menos suja.

Quando ela abriu a capa de couro, encontrou um calhamaço de fotos e documentos com mais de 10 centímetros de grossura. Cassandra descobriu que o nome real do detetive era Valter Torres, mas o resto estava tão censurado que aquele arquivo mais parecia ser algum tipo de piada. Ela encontrou coleções de dúzias de páginas de papel com todo o conteúdo censurado, fora uma ou outra palavra por página. Cassandra finalmente entendeu por que Cascavel riu quando ela perguntou de qual guerra ele era veterano. Aparentemente, era de todas. Havia evidências ou rumores dele em praticamente todo conflito de médio porte pra cima do século 21, mas era impossível dizer o que ele fazia neles. Poderia ser um assassino de elite ou entregador do correio militar e ela não poderia saber a diferença.

"Quem diabos você é, vovô?" Cassandra perguntou a si mesma conforme fechava a pasta.

Capítulo 3: Devil Baby

"O ar cheirava a ozônio, raios catódicos e resistores antigos."

Cassandra desceu até a altura da rua. Ela odiava o nível da rua. Não era só o constante alagamento ou os ratos mutantes, era que o passado vivia ali. As Arcologias são tão enormes, e caras, que raramente um edifício é construído do princípio em Megasampa. Novas estruturas são erguidas sobre estruturas mais antigas, sobre estruturas mais antigas ainda, assim por diante. Afundar verticalmente na cidade era como voltar no tempo, você podia ver a arquitetura mudar, os estratos étnicos indicando movimentos migratórios de décadas passadas como as camadas geológicas de sedimento no solo.

E quando você chegava na altura da rua, era quando você atingia "at the end of the line", como os americanos chamavam. O fundo do poço. No nível da rua sobreviviam as anomalias que a história e o progresso esqueceram ou não se preocuparam em assimilar. Anomalias como Cascavel.

O primeiro pensamento que veio à cabeça de Cassandra quando ela adentrou o Boteco do Wang era como uma equipe de inspeção sanitária da prefeitura teria trabalho ali dentro. Ela duvidava que eles se aventuravam tão fundo na cidade, no entanto.

"Eu estou procurando pelo Cascavel," ela disse ao barman, que servia ao solitário e já desmaiado freguês uma bebida com uma cobra viva dentro da garrafa. O barman gritou de volta alguma coisa em cantonês, indicando a Cassandra a saída como se estivesse espantando um cachorro. Ela mostrou seu distintivo da Proctech e o Wang subitamente ficou mais prestativo, apontando para as escadas na parte de trás que levavam ao escritório de Cascavel no segundo andar.

A campainha parecia quebrada, portanto Cassandra bateu na porta. Normalmente não haveria som, uma vez que a porta de metal era reforçada, mas, até aí, o braço da tenente também era. A porta foi aberta e ela foi imediatamente recebida por... uma ovelha latindo e mostrando os dentes.

"Negativo," Cascavel ordenou, e a ovelha ganiu e foi para trás dele.

"Bela ovelha de guarda," observou Cassandra.

"Obrigado, novata. Eu estive modificando a Mandíbula aqui durante a noite. Eu não tive tempo de programá-la propriamente, portanto eu só subi um template de comportamento canino por enquanto."

"E esses dentes não parecem ser padrão de fábrica. Eu não te imaginava como engenheiro amador, vovô, mas você me parece o tipo de pessoa que converteria uma ovelha em uma arma."

"Isso eu sou," sorriu Cascavel. "Eu tinha uns pinos de titânio sobrando, restos de um projeto anterior. Eu estou pensando em customizar a Mandíbula com um lança-chamas também, vamos ver se dá certo. Por favor, entre no meu escritório, novata, eu só preciso terminar algumas coisas e podemos ir."

"Escritório" seria uma descrição muito generosa do lugar, parecia mais um buraco esculpido no prédio. O murmúrio constante de um ar-condicionado decrépito era um constante som de fundo. O ar cheirava a ozônio, raios catódicos e resistores antigos. Os raios de um farol laranja se esgueiraram entre

as venezianas conforme um hover passou lá fora. Havia uma cama espartana em um canto, estantes cheias de livros de papel empoeirados (tanto espaço desperdiçado em alguns megabytes de informação), uma espingarda apoiada em um display na parede, cabos de liga metálica cruzando o chão e conectando monitores velhos de plasma exibindo chuvas verdes de código.

Cassandra reconheceu parte do hardware de visitas ao museu quando era criança, como um Modulador Psíquico Penfield, uma máquina Voight-Kampff e um sintetizador Qasar M8. Mas ela precisou buscar na aethernet o que era o aparelho de aspecto steampunk na mesa de Cascavel, entre uma pilha de disquetes floppy e uma xícara com soylentkafé de pelo menos três dias atrás. Se chamava "máquina de escrever", uma espécie de proto-computador.

"Cuide bem das coisas enquanto o papai estiver fora," Cascavel disse acariciando a cabeça da ovelha elétrica e saindo com Cassandra. "Se o Wang te encher o saco, sinta-se à vontade para morder ele no traseiro."

A superestrutura piramidal da Aeon Corp surgiu no horizonte. Cento e vinte andares, de acordo com as especificações no computador de navegação. Conforme eles pousaram no nível da recepção, já podiam ver um representante aguardando no hoverponto.

Seu corpo era extensamente modificado. Ele estava completamente nu, mas não que tivesse algo a mostrar. O uso do pronome "ele" é uma suposição, porque a escolta tinha uma perfeita androginia, que lembrou Cascavel um anjo sem asas. Sua pele era branca como a de uma antiga tela de cinema e implantes subdermais de marketing transmitiam propagandas se movendo por todo o seu corpo sem pelo.

"Sejam bem-vindos, detetives," a voz também tinha um tom indefinido e assexual. "O meu nome é representante Ronové. Em nome da Aeon BCT eu quero dizer que queremos auxiliar vocês, a Proctech e a administração municipal em tudo o que que pudermos nesta investigação."

O sorriso de Ronové se abriu e ele estendeu sua mão. Comerciais pulsavam por todo o seu braço. Aquela pessoa tinha dentes bons. Cascavel tinha uma teoria geral sobre dentes, quanto melhor eles eram, mais perigoso era a coisa que os tinha. Isso valia tanto para lobos quanto agentes de PR. Uma criatura treinada para sorrir pode ser mais perigosa do que uma treinada para morder.

"É muito proativo da parte de vocês," Cascavel disse apertando a mão do representante. "Você está ciente do porquê que estamos aqui, então?"

"Sim, é por causa de Patricia Smith, que foi uma cobaia nossa no passado, e de nosso ex-funcionário Sandro Pereira. Nossas agências de monitoramento ficaram sabendo de suas mortes, portanto estávamos aguardando alguém. Quando o controle de tráfego recebeu a solicitação de pouso do seu carro, nós presumimos que era por isso. Mesmo que não tenha relação alguma com os compromissos passados deles com a Aeon Corp, nós sentimos muito por suas trágicas mortes."

"Eles não só morreram," Cassandra disse encarando Ronové. "Eles foram assassinados."

"Sim, nós ouvimos. Como disse, muito trágico. Por que não entramos em meu escritório para conversarmos mais confortavelmente?"

Cascavel e Cassandra seguiram Ronové pelos corredores de imitação de mármore branco. Ronové falou longamente sobre os programas da Aeon Corp. Fora o entusiasmo exagerado em modificação corporal, ele parecia um frontman de relações públicas comum - uma pessoa com o talento de inserir eufemismos e jargão corporativo em cada frase. Cortes salariais eram definidos como "remuneração mais

competitiva". Demissões em massa eram "novo reposicionamento do orçamento". O recall desesperado de produtos de consumo letais seria "re-branded" como "retirada do mercado de produtos não-condizentes com os rigorosos padrões de qualidade da companhia". Cascavel já conhecera mais agentes de PR do que gostaria, e sabia como eles podiam ficar escorregadios depois de extenso media training. Se Ronové trabalhasse para Hitler, ele provavelmente definiria o Holocausto como "inovadoras ações de realocação étnica para otimizar a composição genética da família alemã".

"Nós preparamos um dossiê com todas as informações da srta. Smith e..."

"Que tal começarmos com algumas perguntas?" Cascavel interrompeu Ronové assim que chegaram em seu escritório belamente decorado. "Quais eram as atividades do sr. Pereira e da srta. Smith na Aeon Corp?"

"Bem, o sr. Pereira esteve conosco por alguns anos, um técnico de laboratório classe E. Eles trabalharam no mesmo estudo de fertilidade até alguns meses atrás."

"No que consiste esse estudo?"

"Era sobre o aumento de ovulação," Ronové disse, e recitou direto do panfleto de marketing: "Como você deve saber, a disseminação de radiação diminuiu as taxas de fertilidade da população em gravidezes não-assistidas. Nós desenvolvemos diversas drogas e procedimentos, que apenas chegam à fase de testes humanos após extensa pesquisa em células-tronco e órgãos cultivados em laboratórios. É um estudo rotineiro e seguro, nossas divisões farmacêuticas mantêm diversos deles a cada mês para observar efeitos novos de longo prazo de nossas drogas."

"E de acordo com o seu arquivo, a srta. Smith foi retirada do programa," Cassandra apontou lendo o documento holográfico em seu braço. "Algum efeito colateral foi encontrado?"

"Não, na verdade ela abandonou o projeto. Não é incomum, infelizmente, com essas garotas americanas. Os nossos estudos precisam trabalhar com populações estatísticas maiores para compensar a incidência de descontinuação. Elas parecem preferir retirar o primeiro pagamento e ir se divertir por um tempo em vez de permanecer no estudo até o final."

"Também não é incomum elas fugirem com um de seus técnicos?"

"Não... o sr. Pereira sequer resignou sua posição, ele simplesmente não apareceu mais para o seu posto de trabalho. Descobrimos depois que ele fugiu com a cobaia. Isso nunca aconteceu antes. Nós temos regras estritas e buscamos manter uma distância profissional entre as cobaias e os funcionários. Tanto para não contaminar os resultados da pesquisa como para proteger as cobaias, que estão, afinal, em uma posição vulnerável."

"Ele levou alguma coisa?"

"Sim, alguns dados do estudo foram roubados. Imaginamos que ele e a srta. Smith se envolveram, e ela o convenceu a roubar informações que poderiam ser valiosas a uma corporação rival."

"Essa foi a última vez que eles foram vistos na Aeon Corp?"

"Correto."

"E qual a natureza exata do programa no qual eles estavam?"

"Como disse, testes de fertilidade."

"Que tipos de testes de fertilidade?"

"Infelizmente eu não posso divulgar mais do que já falei," Ronové disse com uma sinceridade surpreendentemente convincente na voz, como se ele estivesse triste mesmo. "Compreenda, a Aeon Corp precisa proteger as suas patentes. Eu lhe asseguro que essa informação não está de forma alguma

relacionada com este incidente."

"O que eu compreendo é que nós temos dois corpos e você está segurando informação. Nós precisamos de acesso completo aos seus arquivos."

"Eu sinto muito, mas não vou estar podendo divulgar mais sem uma ordem judicial da corte corporativa," Ronové disse. "Talvez as informações no dossiê sejam satisfatórias."

Cascavel sentou-se em silêncio por uns instantes e depois sorriu.

"Ei, se você não pode, você não pode," ele disse batendo suas mãos. "Eu acho que vamos indo então. Desculpe por tomar o seu tempo. Nós entendemos que a relação entre os assassinatos e a Aeon são circunstanciais."

"Não há problema algum," Ronové disse. "Se vocês tiverem qualquer outra pergunta, ficarei feliz em auxiliar."

Os detetives seguiram Ronové até o ponto. Ele ficou em silêncio desta vez, o comercial de uma família feliz brincando em um parque rodando em loop em sua nuca. Cascavel notou que as câmeras de segurança não estavam se movendo em um padrão fixo, mas seguindo seus movimentos até o hover. Cassandra entrou e Cascavel estava prestes a fazer o mesmo, quando parou e pareceu se lembrar de algo.

"Uma coisa que eu não entendo," ele disse a Ronové. "O sr. Pereira pagou o hotel onde eles estavam com um cartão da companhia. Por que a conta não foi cancelada?"

"Infelizmente uma falha de comunicação no nosso departamento financeiro atrasou a nossa resposta," Ronové disse rápido demais, como se a explicação estivesse na ponta de sua língua o tempo todo. "Nós só conseguimos cancelar o seu cartão um mês atrás, depois que ele pagou uma mensalidade do hotel."

"Ah," Cascavel disse. "É uma pena. Se vocês tivessem descoberto antes, talvez eles ainda estivessem vivos agora."

"Sim," Ronové repetiu. "É uma pena."

Cascavel e Cassandra decolaram e logo estavam presos no eterno trânsito voador de Megasampa. A cidade cresceu tanto que diferentes horários de trabalho foram estabelecidos para evitar um momento de rush. O resultado, depois de algumas décadas, era que toda hora era hora do rush em Megasampa.

"Vá em frente, novata," Cascavel disse. "Desabe o meu queixo com suas habilidades dedutivas."

"Bom, pra começar, o 'dossiê' que ele preparou é uma piada," Cassandra respondeu ligando o piloto automático. "Eu o estava revisando ele com a inteligência virtual."

"Pouca coisa nele?"

"Pelo contrário, tem informação demais. Todos os releases de imprensa deles dos últimos dez anos, arquivos sobre mais de vinte milhões de cobaias, está lotado de informações técnicas sem sentido. Olha isso, quinhentas páginas de 'diretrizes para o uso do magnetrômeno neural fluxgate 0.3'. Se você tivesse um quarto cheio de prêmios nobéis analisando isso, ainda levaria um ano. Eles estão tentando nos inundar com informações inúteis."

"Eu duvido que eles acharam que nós não perceberíamos a manobra, ou que pensaríamos que ela não era intencional," Cascavel disse examinando as gotas de água escorregando pela janela e acendendo o seu funil boliviano. "Parece que eles estavam tentando ganhar tempo."

"Tempo pra quê? Ocultar melhor evidências?"

"Talvez," Cascavel disse. "O que você achou do nosso amigo Ronové?"

"Ele parecia estar mentindo pelos cotovelos, mas os meus escaneamentos dos padrões de voz mostram que ele não estava," Cassandra disse.

"Sim, eu notei também que ele não mentiu," Cascavel ponderou. "Até quando eu sei que ele mentiu."

"Como assim?"

Cascavel exalou lentamente antes de responder.

"Novata, eu apostaria as minhas bolas velhas e peludas que nunca levaria tanto tempo para cancelar uma conta corporativa de um funcionário fugido, 'falha de comunicação' ou não. Departamentos financeiros corporativos têm sistemas de redundância e bots quânticos em busca de erros e dados corrompidos. Quando eles levam tempo demais é na escala dos nanosegundos, não uma semana. Eles sabiam que o cartão de Sandro Pereira estava ativo. Então só estava ativo porque eles queriam."

"Talvez o nosso funcionário fugido não seja fugido no final das contas."

"Talvez ele estivesse escondido apenas dos registros. Fazendo o trabalho sujo da Aeon."

"Mas o Ronové não estava mentindo. Ele pode enganar o meu scanner em uma frase ou outra, não em uma conversa de vinte minutos. E ele parecia esperto demais pra não saber do que falava."

"Se a gente estivesse na mesa do truco eu colocaria todas as minhas fichas em autodoutrinação," Cascavel falou. "Eu vi isso em algumas tropas de elite do Khanato Vermelho em Berlim. Eles convenceram a sua própria psique de que não sabiam de nada antes de serem interrogados. Custa um bom dinheiro e uma vida de treino ensinar alguém a mentir assim, mas, mais do que tudo, custa algo que dinheiro não pode comprar. Um fanatismo religioso ou patriótico."

O monitor do hover patrulha apitou uma nova ligação e a cabeça de Sakurai apareceu no videofone.

"Nós estamos numa tempestade de merda agora," o comissário disse. Ele tinha olheiras pesadas, como se sequer lembrasse o que era sono. "Me fala que vocês têm alguma coisa. Qualquer coisa."

"Bom, comissário, as minhas hemorróidas estão pulsando de novo," Cascavel disse. "Mas eu estou testando uns cremes novos."

"SOBRE A PORRA DO CASO!"

"Ah, alguns avanços nessa frente também," o detetive disse. "Nós sabemos que a Aeon Corp, que empregou ambas as vítimas, está mentindo sobre algo."

"Eles são uma corporação, claro que eles estão mentindo. Mas como isso ajuda no nosso caso."

Cassandra e Cascavel se entreolharam e depois se voltaram mais uma vez ao monitor.

"A gente ainda não determinou essa parte, senhor," Cassandra disse. "Mas a gente está seguindo algumas pistas para..."

"Bom, enquanto vocês estavam brincando em vez de fazer trabalho policial de verdade, o corpo de outra garota foi encontrado no Novo Bronx," o comissário disse engolindo um punhado de pílulas.

"A cena é similar à outra?" Cascavel perguntou.

"Sem desenhos de macumba nessa, mas o corpo está uma zona, as entranhas foram levadas. E a cereja no topo do bolo é - ah, o prefeito em atividade está adorando isso - agora nós temos relatos de avvistamentos de uma criatura. Você sabe como os gringos são supersticiosos, eles veem um sombra de relance e acham que viram a cara do capeta. Os trackers de redes sociais estão pulsando mais do que as suas hemorróidas com relatos de algo chamado... como se pronuncia isso... 'Devil Baby' ou algo do tipo."

"Significa Bebê Diabo," disse Cascavel. "Belo nome."

"E agora por causa dessa maluquice de Bebê Diabo nós estamos com tumultos generalizados nas ruas. A ordem veio de cima para a Proctech fechar o Novo Bronx e implantar lei marcial. Força letal foi aprovada para qualquer resistência. Eu quero os seus traseiros AGORA nessa nova cena de crime e eu quero isso resolvido pra ONTEM!"

A chamada em vídeo terminou com Sakurai jogando algo contra a tela e as coordenadas na nova cena de crime apareceram no visor.

"Aquilo que você falou antes..." Cassandra disse. "Sobre um demônio estar por trás disso."

"O que tem?"

"Você ainda acha?"

"É o que meu instinto diz. Agora mais do que nunca."

Cassandra balançou a cabeça observando as placas de neon refletidas no para-brisa do hover.

"Me passa um dos vaps do seu funil, vovô," Cassandra disse a Cascavel.

Cascavel obedeceu, passando um cigarro eletrônico ligado à parceira.

"Eu não sabia que você fumava, novata."

"Aparentemente eu estou indo caçar demônios," ela disse inalando e imediatamente tossindo como se tivesse tuberculose devoradora de carne. "Esse parece um bom momento pra começar."

"Sim, ele é," Cascavel concordou. "Uma tempestade de merda, de fato."

Conforme Cassandra saiu do veículo, seu processador de dados inundou seus olhos com informações atmosféricas. Ele mostrou distâncias, o perfil de outros carros patrulha pousados ao redor e agentes Proctech já no local. O corpo estava em um beco de dois metros de largura entre edifícios altos o bastante para que a chuva praticamente não caísse ali, mas cascadeasse pelas paredes. Em uma delas, alguém pichara "por que não se desesperam?". O nível de alagamento era de apenas alguns milímetros de água não drenada, mas a polícia teve de inserir ganchos para prevenir que as partes do corpo flutuassem se a maré subisse.

Os investigadores esparramaram a água conforme se aproximaram do corpo ao lado de uma pilha de lixo. Eles podiam ouvir ao longe o som de brigas e tiros, nem todo o Novo Bronx estava pacificado. O legista estava lá, um sujeito tirando fotos com um olho biônico e com uma dúzia de fios conectando hardware especializado pelo seu corpo. Ele baixou o infopad e seu olho normal se arregalou ao ver Cascavel.

"Casca. Seu filho da puta!" ele disse.

"Junqs. Seu arrombado!" respondeu Cascavel.

Eles bateram suas mãos em vez de apertá-las e empurraram olhando firme um para o outro. Para Cassandra parecia uma bizarra competição de braço de ferro da terceira idade.

"Cavalheiros," Cassandra disse separando facilmente o aperto com suas mãos cibernéticas. "Podemos pular a parte em que vocês comparam o tamanho de suas picas e trabalhar na cena do crime"?

"É, claro," Cascavel disse como um garoto censurado e acendeu seu funil em uma tentativa de recuperar o seu ar cool. "Novata, esse é o Dr. Junqueira. Junqueira, conheça a tenente Chaves."

"Encantado," Junqueira disse com um sorriso amplo. "Eu peço desculpas pelo comportamento infantil. Eu e o Cascavel nos conhecemos faz muito tempo. Eu costumava costurar o couro dele."

"Vocês se conheceram no exército, então?"

Junqueira riu.

"Na verdade eu era o 'veterinário' dele."

"O meu, digamos, 'trabalho de segurança' não era exatamente legal naqueles tempos, e o Junqueira não fazia muitas perguntas," Cascavel disse. "Eu não sabia que você tinha ido trabalhar com humanos em tempo integral."

"Só com humanos mortos. Menos reclamações."

"E o que temos aqui?"

"A vítima se chama Tiffany Bell, ela vendia espetinho de rato a algumas quadras daqui. Ela provavelmente estava voltando pra casa quando foi atacada. E, deixa eu te contar, a minha experiência de veterinário foi útil aqui. Primeiro eu pensei que a garota foi atacada por algum animal. Há marcas de garras por todo o corpo e a maior parte dos seus órgãos internos foi devorada. De cara eu achei que ela estava fraca por má nutrição e um rato mutante a atacou e teve sorte, mas eu nunca vi um deles atacar um adulto. E nenhum rato, nem aqueles que ficam do tamanho de cachorros, conseguiria arrancar os seus braços daquela forma. E olha só isso."

Junqueira virou a cabeça da vítima, revelando diversos cortes pequenos, mas profundos, em seu pescoço."

"Isso são marcas de dentes humanos?" Cassandra perguntou, mas seu monóculo já confirmara o padrão.

"São," Junqueira disse. "A configuração dos dentes é comparável com a de um recém-nascido, mas os dentes teriam que ser afiados e pontiagudos como os de um tubarão."

"Bebê Diabo," Cascavel disse.

"Eu não culpo os locais por serem supersticiosos," Junqueira disse. "Eu mesmo não acreditaria se não tivesse visto isso tudo. Fica muito mais fácil acreditar no Diabo."

"Pode ser algum cyberware, ou modificação corporal?" Cascavel perguntou.

"Eu achei que os dentes podiam ser inorgânicos. Afinal, teriam que ser fortes como aço para cortar carne, veias, tendões e osso dessa forma. Mas nós encontramos traços de DNA nas mordidas e nos arranhões que não são da vítima, portanto imaginamos que é do que a atacou. Quanto a ser uma mutação ou aprimoramento genético... vamos saber quando analisarmos as amostras de DNA. Mas já descobrimos uma coisa."

"O quê?"

"É uma combinação perfeita com o DNA de uma das primeiras vítimas, Patricia Smith."

"Você está dizendo que esse Bebê Diabo é de alguma forma filho da Patricia Smith?"

"Não, a combinação é idêntica," Junqueira disse. "Teria que ser um gêmeo ou clone. Outra coisa, Patricia Smith tinha câncer - é, quem não tem hoje em dia? - mas é exatamente mesmo tipo de leucemia linfoblástica. É como se ele tivesse nascido da própria carne dela, não do útero."

"Novata, pesquisas em células tronco não são uma das especializações da Aeon Corp?"

"Entre outras," Cassandra respondeu. "Mas de acordo com os registros deles, a srta Smith não participou de nenhum desses testes. Por quê?"

"Só um palpite," Cascavel disse. "E você, o que você acha disso tudo, Junqueira?"

"O que eu acho? Eu acho que vou entregar o meu relatório, terminar o meu turno, encher a cara e torcer para nunca mais ver algo desse tipo na minha vida."

"Quieto," Cassandra disse silenciando Junqueira. "Tem algo ali."

O olho de Cascavel levou mais tempo que a visão aprimorada de Cassandra para se adaptar à escuridão no fim do corredor. Mas quando ele se ajustou, Cascavel foi tomado pela perturbadora sensação de que a escuridão estava olhando de volta para ele. Ele viu uma pilha de lixo descartado e embalagens plásticas, a água parada do chão refletindo as fracas luzes do poste acima. E então algo se moveu no lixo e Cascavel os viu. Olhos vermelhos, brilhantes e famintos olhando diretamente para a sua alma.

Ele silvou.

Bebê Diabo.

Cassandra sacou sua Auto 9 e se lançou em direção à coisa, que fugiu nas quatro patas, uma mancha de sombra esparramando a água. Cascavel pegou seu M2019 Detective Special e também foi atrás. Ele sequer conseguia ver o Bebê Diabo se mover, mas tentou seguir Cassandra. O seu coração sintético aumentou a taxa de pulsação, mas seus pulmões e pernas ainda eram muito humanos e velhos para acompanhar. Ele precisava mesmo largar esses funis bolivianos algum dia.

A coisa saiu do beco para a rua, Cassandra em seu encalço. A vida seguia como de costume naquela parte do Novo Bronx. Se os moradores parassem sua rotina cada vez que houvesse um tumulto, não existiria rotina. Em um momento, uma rua estaria cheia de vendedores de comida, nóias de lacrima e ambulantes de objetos falsificados. No segundo que um tumulto ou a polícia dava as caras, tudo desaparecia como se o chão os engolisse. Um ou dois minutos depois, todos voltavam se arrastando para fora dos buracos entre as Arcologias, de ruelas vizinhas ou de esconderijos subterrâneos. E a vida seguiria como se nada tivesse acontecido.

Bebê Diabo se chocou contra um catador de componentes eletrônicos, derrubando suas peças, placas mães e circuitos inundando a rua. Mas Cassandra saltou sobre eles. Ele passou entre as garotas atijando a clientela em frente a um bordel mutante, e levou uma bronca de uma prostituta de três peitos, que parou seus gritos no meio ao perceber que ela não entendia com o que estava gritando. A criatura virou em outra esquina, e quando Cassandra alcançou a curva, sentiu um golpe em seu peito. Ele a estava esperando.

A armadura balística suportou o grosso do ataque, mas seu peito foi superficialmente cortado no lado de seu seio removido, e o golpe fora forte o bastante para tirar o seu equilíbrio. Ela virou e atirou uma rajada de três balas de seu Auto 9, mas a coisa já estava sobre ela. Ele golpeou a arma e os tiros foram para cima, derrubando um letreiro. Bebê Diabo atacou de novo. A pistola voou ao longe, e se a mão de Cassandra fosse real, provavelmente teria sido arrancada.

Ela conseguiu espantar a criatura de cima dela com um soco. A coisa rolou para o lado, se levantou e arqueou as costas como um gato demoníaco. Cassandra conseguiu ver ele direito agora. Era vermelho sangue, com tufos de pelo nas costas e nos antebraços, pés invertidos e um rabo em constante movimento. Seu rosto poderia ser descrito como uma versão adorável do diabo, feições de bebê como olhos grandes, mas com pupilas verticais como um réptil. Cassandra desembainhou sua espada Vorpal conforme a coisa circulava ao redor dela, batendo nervosamente as garras contra o asfalto molhado, como se decidindo entre fuga e luta.

Bebê Diabo rosnou olhando a lâmina vibrante de Cassandra. Ele parecia uma besta, mas ela podia sentir uma inteligência por trás da aparência. O jeito deliberado como ele se movia, observando-a,

pensando e aprendendo.

Ele decidiu fugir. Bebê Diabo saltou para o lado, através da vitrine de um estúdio de tatuagem genética e Cassandra o seguiu, rápida o bastante para ainda ser atingida por pedaços de vidro no ar. Suas augmentações liberaram uma dose extra de adrenalina em seu corpo. E ela continuou a perseguição pela parte interna do quarteirão, através de cantos escuros e becos de teto baixos pingando, cobertos por uma amálgama de tubos, cabos e fios. O som de tiros ficou mais pronunciado, e quando o Bebê Diabo quebrou outra janela, ele estava de volta à rua. Agora em um tumulto em pleno andamento.

Alguns militantes estavam atirando pedras ou brandindo bandeiras dos Confederados, mas a massa estava fugindo das tropas de choque que avançavam com o apoio de drones. Cassandra perdeu o Bebê Diabo em meio à fumaça. Ela ativou a visão de calor, mas de nada adiantou. A coisa desaparecera na multidão.

As tropas trouxeram as armas pesadas. Um pelotão ativou as baterias dos rifles de laser de alto calibre Arasaka HLR-12X e atiraram contra a multidão, os raios aquecidos cortando carne, osso e cérebros dos retardatários. As tropas ignoraram Cassandra conforme passaram, e aí a dor veio. Seu rosto tinha cortes leves, a laceração no seu peito ardia feito louco, mas todos os sinais vitais estavam estáveis. Cascavel a alcançou depois de alguns minutos, sem ar como se tivesse corrido uma maratona ou duas, uma mão em seu braço, a outra mal sustentando o seu M2019 Detective Special.

"Você... está... você... está... bem...?" ele perguntou se apoiando em seus joelhos.

"Eu estou bem, vovô," ela respondeu. "Tão bem quanto eu poderia estar depois de dançar com um Bebê Diabo."

Um spinner preto deu um rasante e pousou ao lado de Cassandra e Cascavel. O lado do passageiro abriu e eles viram a face pintada de um guerreiro da zaibatsu Guarani. Cassandra estava prestes a sacar de novo seu Auto 9, mas Cascavel segurou seu braço.

"Espera!" ele gritou.

Dois outros soldados desembarcaram do spinner, seus corpos também cobertos pelas cores de terra da pintura de guerra e pelo brilho prateado de suas augmentações. Um deles disse algo que o tradutor de Cassandra apenas pôde identificar como newheengatu, e Cascavel respondeu no mesmo idioma.

"Os Ancestrais pediram uma audiência," o detetive falou para ela. "Eu te encontro no meu escritório em algumas horas, novata."

"Você não está mesmo pensando em ir com eles assim de..."

"Eu te encontro no meu escritório."

"Você quer que eu os siga?"

Cascavel chacoalhou a cabeça negativamente e entrou no carro entre os dois guerreiros.

Capítulo 4: Nós Quebramos as Leis dos Homens

"Era um sol diferente naqueles dias."

Cascavel caiu de cara no chão de metal frio.

O guerreiro que o atirara para fora do spinner riu e o ajudou a se levantar. Os Guarani foram educados na viagem até a cobertura da reserva, pelo menos o quanto de educação pode-se esperar de exterminadores bombados de duzentos quilos. Mas Cascavel não tinha entendido a ordem para sair do veículo. O newheengatu é uma língua apenas no sentido mais vago, uma combinação de português arcaico com idiomas de mais de trezentas tribos, muitas com raízes similares, claro, mas cada grupo alimenta os seus próprios maneirismos por orgulho como uma espécie de identidade familiar. Além disso, esses eram guerreiros jovens, talvez nem na adolescência, mas com tantas poções hormonais em seus corpos que aparentavam ser fisiculturistas de vinte anos. E o dialeto desses guerreiros de frente ainda se misturava cada dia mais com francês, chinês, spanglês e seja lá o que eles encontravam nas ruas.

A próxima ordem Cascavel não teve problema de entender, o guerreiro apenas grunhiu e apontou para o scanner corporal. O detetive viu seus ossos pelados na tela de raio x, que realçava a placa de titânio na sua cabeça, seu braço esquerdo artificial e seu fígado e coração sintéticos. As augmentações de Cascavel não eram consideradas extensas para os padrões atuais, mas ele não podia deixar de tentar visualizar o mamífero original escondido atrás de todo aquele lixo. O scanner também mostrou o Detective Special e a faca kukri, mas os Guarani não pediram que ele removesse suas armas. O guerreiro poderia quebrar cada osso de seu braço antes que ele tivesse tempo de sacar, o escaneamento provavelmente buscava explosivos ou armas químicas e radioativas.

A vista de dentro da cobertura era incrível. Apenas o elevador espacial e algumas poucas arcológicas atravessavam a camada de permanuvens, que estava pintada por um vermelho amarelado pelo sol poente. Os hovers do tráfego aéreo começaram a acender os faróis. Dali eles pareciam vagalumes extremamente organizados, indo sabe-se lá para onde em dezenas de linhas de trânsito que se intersectavam perpendicularmente. Mas Cascavel olhou principalmente para o sol. Ele passou tanto tempo enterrado na altura da rua que saboreava cada oportunidade de ver o sol novamente. Era um prazer agridoce, no entanto. Com cada memória que emergia, vinha a lembrança que isso era tudo o que lhe restava. Boas memórias de dias melhores.

Cascavel não sonhou acordado por muito tempo, porque o pajé já o aguardava. Sua face estava pintada em vermelho e seu cabelo cortado em um círculo perfeito, no estilo Guarani tradicional. Ele vestia um terno de duas gravatas e tinha um processador de dados de última geração no antebraço.

"Anamauê, mboi," o pajé disse.

"Anamauê, pajé," respondeu Cascavel.

"Os Ancestrais estão prontos para falar com você."

O homem não parecia feliz em ver o Cascavel, ele provavelmente fora convocado contra os desejos

do pajé. O pajé dispensou os guerreiros e subiu uma escadaria seguido por Cascavel. Eles chegaram a uma porta de cofre que o pajé abriu usando seus dados biométricos.

Poucas pessoas de fora viram a piscina genética dos tupi-guarani. Era uma piscina literal de um fluido amniótico semitranslúcido cor de âmbar, que cheirava a sangue e continha o DNA das últimas seis gerações tribais.

"Eu vou acordá-los," o pajé disse antes de engolir um longo gole de ayahuasca e passar o jarro cerimonial a Cascavel, que também bebeu. O Vegetal rodopiando vivo em seu estômago. O pajé andou até um console de controle conectado por grossos fios de cobre à piscina. Linhas de código começaram a se remexer no display holográfico e correntes elétricas passaram pelos fios até a piscina.

"ONDE NÓS ESTAMOS!?"

A imagem do rosto dos Ancestrais flutuando sobre a piscina era uma média em constante mutação de todos os seus rostos, suas vozes compostas por milhares de vozes, como se um estádio inteiro sussurrasse junto. Eles pareciam assustados de início, como um homem em coma reanimado por injeção de adrenalina no coração. Mas então eles lembraram quem eram. Eles lembraram que estavam mortos. Eles lembraram por que convocaram Cascavel.

"Anamauê, mboi," eles disseram.

"Anamauê, tamõi," Cascavel respondeu.

Eles viram que Cascavel tinha um leve ferimento em sua testa.

"Pedimos desculpas se nossas crianças foram.. pouco polidas trazendo você aqui, mboi," os Ancestrais disseram. "Você é nosso hóspede."

"Desculpas não são necessárias, tamõi. Assim são as crianças."

Os Ancestrais deixaram escapar o que parecia ser um suspiro eletrônico.

"Nós primeiro vimos os nossos filhos crescerem, então nossos netos, depois nossos bisnetos e agora... agora nós não sabemos mais quem essas pessoas são. A cada vez que somos reanimados, eles se tornam mais rebeldes. Primeiro eles nos viam como deuses, depois como chefes, depois como um oráculo e agora como um incômodo. Em breve eles nos verão como um inimigo e finalmente nos terminarão."

"Por favor, tamõi, nós nunca..." o pajé interrompeu. Ele parecia mais perturbado que aquilo era dito a um forasteiro do que não ser uma verdade.

"Não minta para o passado!" os Ancestrais gritaram. "Nós esperamos ansiosamente por esse dia. A cada vez que somos acordados, esperamos que seja a última. Esse não é o nosso mundo e nunca poderia ser. Nós somos o passado. Nós não podemos aprender. Nós já estamos feitos. Nós somos enterrados mais a cada dia por um mundo alienígena de J-Pop e Tank War Europa."

Cascavel achou melhor não mencionar que J-Pop não era mais escutado há vinte anos e que hoje em dia você só achava um arcade de Tank War Europa juntando pó em museus.

"Mas nós não o chamamos aqui para ouvir as reclamações de homens velhos e mortos, mboi. Nós te chamamos aqui porque tem algo matando nossas garotas pelas ruas."

"E prostitutas mortas não trazem dinheiro, não é?"

Os Ancestrais permaneceram em silêncio com sua face imóvel por alguns segundos. Cascavel começou a achar que algum bug tinha acontecido quando eles continuaram a falar.

"Não, elas não trazem. O que essas pessoas estão fazendo é mesmo ruim para os nossos interesses."

"De que 'pessoas' nós estamos falando aqui?" Cascavel perguntou.

"Você certamente investigou uma empresa chamada Aeon Corp."

"É verdade."

"O que você achou deles?"

"Eles estão obviamente mentindo sobre alguma coisa. Pode ser uma simples questão de tentar proteger a imagem da companhia, pode ser algo mais."

"Você sabia que a Aeon Corp foi formada originalmente há cinquenta anos por um grupo cristão antiaborto?"

"Não, não sabia."

"Então você realmente não sabe nada. Aeon Corp é as sobras de algo muito mais antigo do que você pensa, mboi."

"E como vocês sabem disso?"

"Porque nós também somos antigos o bastante para reconhecê-los."

O pajé se aproximou de Cascavel e entregou um drive.

"Essa máquina contém o que sabemos," os Ancestrais disseram. "Nós não temos certeza sobre o que eles estão tentando fazer, mas sabemos que é errado. Isso vai além de alguns amú-tetãma-uára sendo assassinados, mboi. Você vai precisar olhar mais fundo."

Cascavel guardou o drive no bolso interno de seu sobretudo.

"E quanto ou o quê você quer por isso?" Cascavel perguntou. "Eu não tenho o hábito de ficar devendo favores. Para homens vivos ou não."

"Essa informação é de graça," os Ancestrais disseram.

"Nada é de graça, tamõi," Cascavel disse. "Segunda lei da termodinâmica."

"Nada é de graça," concordou o holograma, com o que parecia ser um sorriso. "Nós entregamos a informação porque sabemos que você vai fazer algo com ela, quando nossas crianças não vão. Eles ainda toleram as nossas 'excentricidades', como convocar você, mas não entrariam em guerra com uma corporação rival, isso seria ruim para 'os negócios de verdade'. Você está dispensado, mboi. Esperamos que nos encontremos novamente no futuro em situações igualmente... cordiais. Ou melhor, esperamos que nossas crianças finalmente nunca mais nos acordem."

Cascavel se curvou aos ancestrais e se virou para a porta, mas foi chamado de volta quando estava prestes a sair.

"Nós não vamos fingir que não somos criminosos, mboi," os Ancestrais disseram. "Nós exploramos e matamos o quanto é preciso para que a tribo sobreviva. Isso é algo que aprendemos de vocês quando nos 'civilizaram'. Foi assim que nos tornamos grandes novamente. Mesmo que, fazendo isso, tenhamos sacrificado muito do que éramos."

O holograma crepitou.

"Mas nós quebramos as leis dos homens. O que essas pessoas estão fazendo não é natural. Mesmo para esse frio e moribundo mundo de aço."

Cascavel foi atirado do spinner bem em frente ao Boteco do Wang. O barman já tinha corrido para fora com uma espingarda de plasma na mão e estava prestes a derrubar o hover, quando Cascavel

sinalizou para que não atirasse.

"Deixa pra lá, Wang," ele disse conforme o barman o ajudava a se levantar do chão molhado.

"Esses pessoas parecem putos com você, laowai. O que você fazer que deixar elas tão bravos?"

"Eu existo. Parece ser o suficiente pra irritar a maioria. A minha assistente está aqui?"

"Em seu escritório, laowai."

"Certo. Me passa um bá-jú antes de eu subir. Pode ser, Wang?"

Wang descansou a espingarda no ombro e sorriu conforme andou até o balcão.

"Eu ter nova receita pronto."

O baijiu estava particularmente brilhante, Wang deve ter aditivado a dosagem de isótopos do lote. Cascavel virou o copinho em um único movimento.

"Você perdeu - duas - horas da sua expectativa de vida," bipou o Kraftwerk 2000. Ele precisava mesmo hackear aquela porcaria para calar a boca desses alertas.

Cascavel pegou um biscoito da sorte de tapioca, subiu as escadas e abriu a porta.

"Por que você demorou tanto, vovô?"

Cassandra estava lá, sentada com Mandíbula deitada comportadamente em seu colo. O animal elétrico ganiu quando seus sensores detectaram o dono, e correu até ele.

"Calma, calma!" Cascavel gritou conforme a ovelha o lambia.

"Foi você quem a programou ela pra ser um cachorro," Cassandra disse sem esconder sua satisfação com a cena.

"Eu deveria ter programado pra ser uma planta," Cascavel falou jogando o drive a Cassandra. "Vamos dar uma olhada no que temos aqui."

"O que é?" ela disse logando o drive em seu processador.

"Sujeira sobre a Aeon Corp, algo sobre as suas origens como uma espécie de culto," ele disse acendendo seu funil boliviano. "Quer um soylentkafé, novata?"

O kafé estava amargo, frio e velho. Do jeito que Cascavel gostava. "Esse é o único tipo que te acorda de verdade," ele costuma dizer.

O drive continha informações surpreendentemente detalhadas sobre a história da Aeon Corp. A descrição dos Ancestrais fora precisa. Eles eram originalmente uma vertente de um secto católico ortodoxo que profetizava a volta de Jaesus Cristo durante a guerra do Khanato Vermelho. Cascavel concordava que naquela época era fácil imaginar que estávamos no final dos tempos, e os candidatos a anticristo eram muitos. Mas no final não teve apocalipse e Jaesus não deu as caras. Eles passaram a pregar como um culto de fertilidade para repopular o planeta após a guerra. Eles foram afastados da Igreja Católica durante as reformas do Mercerismo, no entanto, e foram de culto a empresa quando as isenções de imposto corporativo se tornaram mais atraentes. Aeon foi da reza à pesquisa, se distanciando de seu passado clerical como um adolescente envergonhado de seus gostos musicais de cinco anos atrás.

Alguns dos arquivos sobre estudos mais recentes da Aeon eram muito interessantes. Eles estavam no formato original de arquivo, provavelmente roubado por um hacker Guarani que buscava vender os dados depois. Tudo estava no esperado para uma empresa farmacêutica: tabelas de orçamento, gráficos de retirada de membros e tumores, dados de pesquisa em desenvolvimento de células-tronco. Eles encontraram a ficha da Patricia Smith, que estava em um programa de controle neoplásmico. De relance parecia um estudo comum, mas quando jogaram os dados na inteligência virtual perceberam que algo

estava errado.

"De acordo com as doses de radiação que estão dando às cobaias, eles não estão pesquisando como prevenir tumores," Cassandra disse. "Eles estão estudando como criá-los usando células HeLa modificadas. Por que eles iriam querer criar tumores? Algum tipo de arma?"

"Não veria uma aplicação," Cascavel disse acariciando a ovelha em seu colo. "Corporações militares têm armas biológicas que poderiam infectar milhões em alguns dias. Por que criar uma arma que faria a vítima morrer em meses em vez de segundos, se o tempo de contágio não é um fator? O que mais temos?"

"Pouca coisa. Muitos arquivos estão corrompidos, talvez de uma transmissão cortada. Quem roubou isso devia estar com pressa em deslogar."

"Alguma informação sobre nomes de outros sujeitos do projeto da Patricia Smith?" Cascavel perguntou pegando seu biscoito de tapioca.

Cassandra moveu suas mãos com destreza pela interface.

"Nada. Nada sobre a criatura que encontramos também."

Cascavel quebrou o biscoito ao meio e um dragão holográfico dançou no ar.

"Só é preciso dois espelhos opostos para criar um labirinto!" o dragão disse.

"Vamos ter que fazer isso à moda antiga então," Cascavel disse enquanto ligava diversos monitores de raios catódicos. "Nós hackeamos mais informações por nós mesmos."

"Boa sorte, vovô. Enquanto você estava brincando com a gokudo dos nativos, eu dei uma sondada nas ciberdefesas da Aeon. A intranet deles está atrás de uma ICEwall encriptada a 1.024 bits. Nós precisaríamos de metade do poder de processamento da cidade pra passar por isso. E isso é tudo o que eu consegui pegar da parede externa do network, vai saber o que eles têm lá dentro. Parece que eles são meio paranóicos."

"Ou estão mesmo escondendo algo grande."

Cascavel abriu uma gaveta, pegou uma pequena pasta de metal e a depositou sobre a mesa. Ele então pegou um fio do chão e o conectou em seus computadores.

"Que diabo é isso?" Cassandra perguntou.

"Uma lembrança que eu guardei de Leningrado caso precisasse um dia. Daemon russo de quebra de dados de uso único, fire and forget."

"Uma cybernuke?"

"É, mas eu sempre achei esse nome meio dramático."

"Eu achei que essas coisas tinham sido destruídas depois da guerra."

"Não acredite em tudo que os ebooks de história te ensinam, novata," Cascavel disse. "Ou seja lá o que vocês leem hoje em dia. Se é que leem, ou simplesmente fazem upload de pensamentos na cabeça. Cacete, não consigo falar duas frases sem soltar um textão de velho rabugento."

"Esse negócio pode causar danos enormes na infraestrutura da cidade."

"Pode, mas não vai. Eu coloquei os meus próprios bloqueios de Turing caseiros. Deve ser o suficiente para contê-lo."

"Deve?"

"Bom, ele é de uso único. Não é como se eu tivesse como testar o negócio."

Cascavel pegou o telefone, discou e conectou o transmissor em um receptor acústico. A frequência

de dial-up soou e o daemon foi embora pouco a pouco, se direcionando por uplinks de satélite para quebrar na força-gruta os servidores dds de raiz da Aeon Corp.

"Eu entendo que você é da velha guarda, vovô," Cassandra disse olhando o equipamento empoeirado de Cascavel. "Mas um modem 56k é mais velho do que a própria guarda. Isso vai levar horas quando poderia levar segundos."

"Eu modifiquei o modem e tenho alguns algoritmos de compressão de dados que vão acelerar as coisas. Mas você está certa, isso vai levar muito mais tempo," Cascavel disse enquanto de dirigia à sua coleção de discos de vinil. "Mas isso vai evitar que sejamos detectados, porque qualquer equipe de cibersegurança vai esperar que um hacker tente ser eficiente."

Ele tirou um disco da estante, soprou o excesso de poeira e o colocou em uma vitrola Blaupunkt.

"Em cada força está a semente de uma fraqueza, novata. Quanto melhor a sua tecnologia, mais você é dependente dessa tecnologia. Você confia mais nela. E você despreza o 'obsoleto'. Mas toda nova tecnologia é construída a partir de tecnologias anteriores. E as portas de entrada ainda estão ali."

Três minutos se passaram com o disco rodando em meio ao zunido dos monitores e dos velhos ventiladores de refrigeração. Uma nova música tocou. Era diferente de tudo que Cassandra já havia ouvido.

Ain't no sunshine when she's gone
It's not warm when she's away.

A música do século 22 consiste em sua maior parte de jingles, pelo menos nos feedplayers corporativos, e praticamente todas as bandas sérias são bancadas por empresas. Claro, crianças e amadores ainda fazem música independente por diversão, mas como eles ganhariam dinheiro sem o financiamento de um selo?

Ain't no sunshine when she's gone
And she's always gone too long
Anytime she goes away.

"O que é isso que está tocando?" Cassandra perguntou.

Cascavel tinha tirado os sapatos e descansava os pés sobre a mesa. Ele acendeu um funil com uma mão e tinha um copo de baijiu na outra. A ovelha dormia no chão, ou ao menos esse era o comportamento que a máquina emulava.

"Se chama blues," ele disse. "Algo que era popular uns cento e cinquenta anos atrás."

Ain't no sunshine when she's gone
And this house just ain't no home
Anytime she goes away.

"As músicas desses americanos soam todas iguais pra mim," Cassandra disse.

"Sim, essa costuma ser a reação hoje em dia."

I oughtta leave young thing alone

But there ain't no sunshine when she's gone

"É interessante e... triste. Sobre o que ela é?"

"Isso foi gravado em um lugar que se chamava Dallas, hoje deve ser uma cratera em chamas no deserto do norte," Cascavel disse exalando a fumaça. "O cantor se chama Freddie King. Ele canta que sente saudade da sua amada. Ele canta que não existe sol quando ela não está presente."

"Eu achei que os americanos não tinham uma palavra para saudade."

"Eles não têm," consentiu Cascavel. "Mas eles sentem saudade mesmo assim."

Ain't no sunshine when she's gone

Only darkness every day.

"Eu não entendo," Cassandra disse. "Umhas poucas horas de exposição aos raios UV são suficientes para acelerar mutações cancerígenas. E ela canta para a parceira dele como se fosse um elogio?"

"Isso é verdade," respondeu Cascavel. E Cassandra notou que o velho detetive virou o olhar para a fotografia de uma mulher sobre sua mesa. Um olhar dolorido e melancólico que parecia ir além do papel gasto, mergulhar naquela imagem e naquela memória, além do espaço, tempo e realidade.

"Mas era um sol diferente naqueles dias."

"Acorde, vovô," Cassandra disse cutucando Cascavel, que caiu com sua face ainda dormente contra a mesa. "Parece que nós entramos."

A agulha da vitrola girava silenciosamente no centro do álbum, e a ovelha latia para uma lâmpada vermelha de alerta ao lado do computador principal.

"Parece que entramos, novata," Cascavel disse digitando nas teclas pesadas de seu teclado antigo. "Agora deixe-me ver se conseguimos achar..."

"Achei," Cassandra disse, digitando botões holográficos em seu processador. "Eu mandei alguns crawlers de busca antes de acordar o seu traseiro preguiçoso, vovô."

"Ótimo," Cascavel disse olhando desapontado para a chaleira vazia de soylentkafé. "E o que exatamente você achou?"

"O nome oficial do programa que a Patricia Smith estava é Fertycare, mas ele tinha um outro título usado internamente."

"E qual era?"

"O Projeto da Imaculada Conceção."

"E sobre o que é esse projeto?"

"Eu não tenho certeza... é certo que eles estavam cultivando tumores nas cobaias, muita informação parece ter sido deletada às pressas, mas ainda tem alguns traços de dados. O projeto está em funcionamento faz anos, mais de cem cobaias. Todas do Novo Bronx. Todas mulheres. Nenhuma com parentes próximos."

"Precisamos achar as outras e..."

"Já estou nessa, vovô, buscando endereços conhecidos e correlacionando com os bancos de dados da Proctech... merda!"

"Qual o problema?"

"Parece que todas estão mortas ou desaparecidas. Todas menos uma, chamada... Tiphany Merlan."

"Isso fede a queima de arquivo. Eles estão sumindo com as testemunhas."

"Tenho um endereço aqui, vovô," Cassandra disse. "Mexa esses ossos velhos."

Cascavel e seus pulmões tinham um acordo: ele não os exacerbava demais e eles o deixavam bombeá-los de câncer sem reclamar muito. Mas agora era a segunda vez no dia em que eles tinham que correr, e estavam putos, arquejando com dor e reclamando conforme ele seguia Cassandra. Quando chegaram no spinner, Cassandra não tinha certeza se devia fixar o computador de bordo em um hospital, mas Cascavel sinalizou para que ela dirigisse até a garota.

Claro que o lugar tinha escadas.

O navegador de Cassandra determinou que era o caminho mais curto até o endereço da garota. Eles ainda precisaram subir dois andares, então a tenente correu na frente e Cascavel trotou atrás dela. Ela havia colocado o spinner suspenso ao lado das escadas de emergência no exterior da Arcologia, uma das únicas completamente construídas no Novo Bronx. Lá de cima, Cassandra podia ver os tumultos se intensificando nas ruas abaixo e em alguns dos prédios. Ela derrubou a porta e entrou em um corredor. Uma mulher assustada vestida em trapos e segurando uma sacola de compras abria a porta de um compartimento de dormir.

"Tiphany Merlan?" Cassandra perguntou.

A garota ficou em silêncio, seus olhos dançando para os lados conforme ela considerava a resposta. Ela abriu a boca, mas nada disse, e derrubou a sacola. Latas de comida reciclada rolaram pelo corredor. E ela correu.

"Espera! Nós somos da Proctech! Nós viemos ajudar você!"

Tiphany correu ainda mais rápido. Você não vive muito no Novo Bronx ficando parado quando pessoas armadas te perseguem dizendo que são tiras. Eles podem ser assaltantes disfarçados. Ou pior, podem realmente ser a polícia. Cassandra já a perseguia quando Cascavel surgiu das escadas de emergência. Ele secou o suor de sua testa, xingou e foi atrás.

A garota entrou em um fliperama lotado. Gabinetes brilhantes zumbiam ao som de lasers de mentira em meio à névoa de cigarros eletrônicos flavorizados. A garota usou a multidão para ganhar tempo, mas ela era apenas humana e Cassandra não. Ela saltou sobre um arcade de Torre do Feiticeiro e derrubou Tiphany no chão.

"Por favor! Não me machuca!" a garota gritou com um forte sotaque americano conforme Cassandra a ergueu. A multidão se juntava em torno deles. As faces banhadas em neon indo da curiosidade para a

raiva.

"Investigação Proctech," Cassandra disse à multidão. "Não interfiram."

"Motherfracking police!" um deles gritou, e jogou um saco de pipoca contra Cassandra. Ela sacou sua arma e a turba deu um passo atrás, mas logo voltou a circulá-la. Um homem veio com um pé de cabra de manutenção, ela facilmente evadiu o golpe e quebrou os dentes do atacante com seu punho de titânio. Outros atacaram, ela acertou dois em um mesmo segundo, mas alguém deu sorte com um soco inglês em sua têmpora. Ela era rápida, mas era uma. Ela caiu e viu em sua visão periférica o brilho de uma faca.

Um tiro foi dado, a faca caiu e o atacante desabou de joelhos e depois contra o chão ensanguentado. Cascavel estava na entrada do fliperama se apoiando contra uma máquina de Star Grinder. Suava como uma quimera de corrida, o M2019 Detective Special fumegando em sua mão.

"Nobody... move..." Cascavel arfou para o grupo.

Um deles se mexeu. Cascavel atirou nele também.

"Nobody... FRACKING... move!"

Cassandra se levantou e tocou sua têmpora dolorida com as mãos. Ela olhou em volta. A garota não estava mais lá.

Cassandra e Cascavel ouviram um grito atrás de algumas alamedas de máquinas. Quando chegaram, viram o corpo sem vida de Tiphany no chão em uma crescente poça de sangue. Sua garganta havia sido arrancada pelo que pareciam ser pequeninos dentes.

Cassandra encontrou Cascavel fumando na saída de emergência em meio à garoa, as luzes dos hovers de polícia brilhando em volta. Por um minuto inteiro ela apenas ficou ao seu lado olhando o tráfego voador antes de dizer qualquer coisa.

"Não achamos nada no compartimento dela," a tenente disse finalmente. "O lugar não chega a ter dois por dois metros, não é como se tivesse espaço pra esconder alguma coisa. Eu acho que devemos olhar de novo os dados que hackeamos e..."

"Seria inútil," o detetive disse. "Você viu também, eles cobriram os rastros bem demais para encontrar novas pistas. E não poderíamos usar o que hackeamos em uma corte para arranjar um mandato."

"Bom, a gente não pode deixar eles simplesmente se safarem com isso!"

"Eu não disse que nós devíamos," Cascavel respondeu.

"O que você está dizendo então?"

Cascavel exalou a fumaça, que foi levada pela brisa.

"Estou dizendo que devíamos ir para a sede da Aeon de novo. Na surdina, desta vez."

Cassandra chacoalhou a cabeça.

"Hackear é uma coisa, mas a gente não pode invadi-los sem um mandato. Desculpa, mas eu vou ter que ver isso antes com o comissário Sakurai."

"E obviamente ele vai negar a permissão, e talvez até cessar as investigações," Cascavel disse. "Sakurai, ele é um mandado que não quer complicações ruins para os negócios, como uma guerra corporativa. Mas se você quisesse reportar algo a ele, você já teria, novata. Afinal, você tem tanto cromo na cabeça que poderia ter enviado mensagens com o pensamento quando usamos aquele daemon ilegal."

Cascavel trocou a carga do seu funil boliviano.

"Me chame do que quiser, mas você não vive metade do que eu vivi sem perceber que existe uma diferença entre a lei e a justiça. Você percebe como as leis podem ser ICEwalls que os ricos e poderosos usam pra se insular. Já que pra usar a lei você precisa de grana, e eles têm grana. Mas existe algo mais profundo, a justiça. É o motivo pelo qual leis são criadas em primeiro lugar. Aquilo que você sente nas entranhas e não na sua cabeça, novata. Aquilo que você sente quando vê uma garota cheia de sonhos dilacerada, cujo único crime foi vender o seu corpo pra não morrer de fome. Ou outra que tem as entranhas comidas enquanto tenta voltar pra casa. Centenas delas com tumores crescendo dentro delas contra as suas vontades. Aquela queimação de quando você sabe que algo é errado. Que algo não pode passar sem punição."

Cassandra parecia desconfortável, mas ainda não convencida.

"Você pode ser um cão de caça de carreira, mas eu acho que se eu e você temos uma coisa em comum é que não somos o tipo de gente que vê pessoas mutiladas assim e não levamos isso pro lado pessoal de alguma forma. Você é um tira. Isso costumava significar algo além de providenciar serviço de segurança de qualidade para os seus consumidores. Eu também preciso me chutar nas bolas de tempo em tempo pra me lembrar disso. Eu sei que você está ardendo por dentro como eu estou. História da minha vida. Às vezes fazer a coisa errada é a coisa certa a se fazer."

Cascavel foi até Cassandra. Ele era muito menor do que a tenente, ela poderia quebrar cada osso de seu corpo com seus braços aumentados, mas ela se sentia como uma garotinha indefesa frente a ele.

Porque ela sabia que ele estava certo.

"Vamos pegar os filhos da puta," ela disse.

Capítulo 5: A Casa da Dor

"Nós estamos trazendo Ele de volta..."

Eles se encontraram na parte de trás do Boteco do Wang.

O teto do galpão tinha a altura de dois andares, iluminado apenas por letreiros de neon nas paredes e estantes. Uma parede estava completamente coberta por um dragão multicolorido ridiculamente intrincado, que circulava sobre si mesmo como um furacão de neon. O lugar tinha uma destilaria caseira em funcionamento, mas a maior parte do espaço era usado para guardar suprimentos de cozinha e barris de produtos químicos não identificados.

Assim que Wang abriu a porta, Mandíbula disparou para dentro balançando seu rabo mecânico e cheirando os cantos. Wang tirou algumas caixas do caminho e limpou com sua manga o grosso da poeira sobre uma vídeomesa feita para estudar desenhos técnicos. Cassandra não tinha certeza por que um dono de bar ia precisar daquilo, mas ela não se surpreenderia se o Wang já tivesse algum dia planejado alguns roubos ali. Ele carregou os dados do computador de Cascavel, apertou um botão lateral e a planta da sede da Aeon Corp acendeu na tela horizontal.

"Temos torres de miniguns de 20mm com sensores de movimento cobrindo aqui, aqui e no teto aqui," Cassandra disse traçando o dedo sobre o diagrama. "A Monterrey Defesa Pessoal cuida da guarda, pacote nível quatro de segurança corporativa. Isso significa drones e vigilância no perímetro, assim como patrulhas regulares com armas pequenas. Talvez um blindado leve de cobertura também."

"Isso é normal pra uma empresa de pesquisa biológica?" Cascavel perguntou.

"Só para aquelas com contratos militares, e a Aeon tem desses," Cassandra disse. "Mas o que não faz sentido é que essa é só a primeira camada de segurança, no exterior e na periferia do complexo. A segurança dentro é de responsabilidade de uma equipe totalmente diferente, da Aegis Protection, uma empresa da própria Aeon."

"Por que eles contratariam duas empresas para o mesmo trabalho em vez de um pacote melhor de uma única? Seria muito mais barato."

"O único motivo que eu consigo pensar é que eles querem a aparência de segurança comum, mas ao mesmo tempo tem algo lá dentro que eles querem muito esconder. Até da sua própria equipe de segurança."

"E o que eles têm na camada interior?"

"Eu não faço ideia. Tive sorte até de descobrir que eles estão lá dentro. Alguém esqueceu de desfragmentar um memorando."

"E o que você sugere?"

"Bom, passar pela Monterrey vai ser fácil, eu falsifiquei uma identidade no servidor deles. É, vovô, você não é o único com uns truques de hackeamento na manga. Eu sugiro que eu entre pela porta da frente,

desligue a torre do teto e vocês dois entram por ali."

"Por que nós não ir todos pela porta do frente?"

Cassandra mirou Cascavel e Wang.

"Quê?" eles disseram se entreolhando.

"Sem querer ofender, mas vocês não têm exatamente o... perfil de guardas de segurança," Cassandra disse. "Não é como se eu pudesse dizer que estou trazendo meus avós pra conhecer onde trabalho."

"Tá, estou de acordo com você, novata," Cascavel disse. "Então, depois que entramos, qual o plano?"

"Não existe plano," ela disse. "Eu não tenho ideia do que tem lá dentro."

"Então o plano é entrar às cegas e improvisar," Cascavel ponderou. "Parece o meu tipo de plano. Você topa, Wang?"

"Laowais malucos..." Wang disse tomando um gole de baijiu. "Sim, eu dentro."

"Eu já tenho um pouco do hardware que vamos usar," Cassandra disse. "Eu fiz uma lista do equipamento que ainda vamos precisar."

Wang pegou a lista e a examinou.

"Eu ter quase tudo disso," ele disse. "O resto eu comprar, mas loja bem ao lado. Alguém me dar dinheiro."

Cascavel colocou as mãos nos bolsos e fingiu não existir. Cassandra balançou a cabeça e deu a Wang o seu credstick corporativo.

"Só fique nas compras do que está na lista e..."

Wang fez o drive sumir das mãos de Cassandra e foi embora. Mandíbula sentava observando com curiosidade artificial Cascavel e Cassandra examinando a planta do QG da Aeon. A operação seria uma moleza ou um pesadelo.

"Esse amigo seu, o Wang, eu não entendo ele," Cassandra disse.

"Como assim, novata?"

"Eu não sei. Ele é bem quieto."

"Ele só não fala muito quando não tem algo a dizer. Não se preocupe com o Wang, nós nos conhecemos faz muito tempo. Ele sabe cuidar de si mesmo."

Cassandra olhou as luzes cobrindo as paredes.

"Eu queria perguntar, por que ele tem todos esses letreiros de neon aqui dentro?"

"Wang era um dos mais promissores forjadores de neon na terra dele," Cascavel disse. "Ele costumava trabalhar aqui, usava esta mesma mesa para desenhar os letreiros. Ele até me ensinou um pouco do ofício, muito tempo atrás."

"Você também fazia letreiros de neon? Existe alguma profissão que você não teve, vovô?"

"Eu não disse que era um forjador de neon, só fazia o básico. O médico disse que eu precisava de um hobby. Isso foi antes de eu perceber que beber era um passatempo mais simples. Fazer neon é um trabalho longo, chato e solitário. Eu não teria a paciência nem que tivesse a mente de um engenheiro, a mão de um cirurgião e a sensibilidade de um poeta, como o Wang. É, sem brincadeira, eu sei que não parece olhando pra ele. Mas, como eu dizia, forjar neon é mesmo um saco. Você precisa cuidadosamente dobrar o vidro numa chama de 800°C, qualquer erro e o negócio inteiro quebra. Eu levaria um dia inteiro pra fazer um 'a' torto, bem diferente dele. O Wang diria que a beleza real de uma placa de neon só pode

ser apreciada de verdade nos ideogramas chineses tradicionais, especialmente no estilo Wei do norte dele, mas mesmo com caracteres ocidentais o seu trabalho chama atenção."

"É realmente muito detalhado."

"Daí você precisa limpar o ar com um eletrodo," Cascavel prosseguiu, mostrando um tubo vazio de vidro. "E você o preenche com o gás neon, que é vermelho, ou o argônio, que é azul. Você bota uma corrente elétrica ali e o gás queima se tornando plasma. Todas as outras cores são formadas por pó colorido dentro do vidro. Luz vermelha com pó azul vira rosa, luz azul com verde vira laranja e assim por diante. Eu sou daltônico, então sei nada sobre cor, mas o Wang era conhecido por encontrar variações cromáticas engenhosas. Ele chegou em Megasampa na hora certa, a guerra tinha acabado e o mundo queria se reconstruir. Nos primeiros anos ele precisava recusar trabalho porque não dava conta da demanda."

"E o que aconteceu?" perguntou Cassandra. "Por que ele parou?"

"Aconteceu o que sempre acontece," Cascavel disse se servindo do baijiu da destilaria. "Primeiro os latifúndios europeus fazendo cópias jogaram os preços pra baixo, e daí a indústria se voltou pros nanoleds e as luminárias ficaram tão baratas que nem os latifúndios se importavam. Olha esse dragão. O Wang precisou de décadas de treino e meio ano pra criá-lo, mas hoje qualquer moleque poderia construí-lo em meia hora com uma impressora 3D caseira e o preço de um hamburger de barata. Progresso e tecnologia aconteceram, novata. O Wang é provavelmente a pessoa mais treinada do mundo em uma habilidade para a qual o mundo não dá mais a mínima."

Cascavel tomou um gole de baijiu.

"Você perdeu - duas - horas da sua expectativa de vida."

"E aí ele transformou o estúdio em um bar. Uma boa jogada, na minha opinião. Enquanto gente como eu existir, a bebida não vai se tornar obsoleta."

Cassandra olhou para o dragão brilhante, preenchido por gás incandescente que queimava há décadas. Ele era mesmo lindo. Ela sabia que o Cascavel estava certo, qualquer impressora barata poderia replicá-lo com tamanha precisão que nem o Wang saberia dizer a diferença. Mas saber que uma pessoa tinha feito aquilo... ela podia imaginar: um Wang mais novo, com mais cabelo e menos barriga, queimando com perícia e cuidado cada um daqueles cantos de vidro derretido. De pensar que aquele dragão não foi fabricado, ele foi criado. Aquilo a enchia com uma sensação de respeito e admiração que o trabalho de uma máquina jamais conseguiria. Saber que uma pessoa tinha feito aquilo a fazia se sentir diferente. E aquilo devia valer... ela não sabia o quê exatamente, mas... alguma coisa...

Wang voltou e começou a depositar o equipamento sobre a mesa, reclamando que o credstick não tinha dinheiro suficiente para "as compras", e então parou quando reparou Cassandra olhando de um jeito estranho para ele.

"O seu trabalho," ela disse apontando para o dragão. "Ele é incrível."

Wang, de início, parecia ter sido pego completamente de surpresa, e seus olhos se arregalaram como o de um baiaçu morrendo. Então sua face se contraiu irritada e ele começou a gritar. O tradutor de Cassandra apenas identificou algumas palavras em cantonês, a sua pronúncia tonal estava errática por causa da raiva, mas nenhuma delas era agradável. E aí Wang saiu do recinto ainda gritando, assustando a ovelha e chutando caixas no caminho.

Cassandra ficou sem reação e depois olhou para Cascavel.

"O que foi?" Cassandra perguntou a ele. "O que foi que eu fiz pra ele ficar tão bravo?"

Cascavel se levantou e foi até a saída, atrás de Wang.

"Por anos ele se ensinou a ser apenas o velho Wang que cuida do bar, novata. E, por um instante, você fez ele se sentir como um artista de novo."

A tela de holodrome de dez metros em frente à sede da Aeon Corp mostrava um talk show vespertino que discutia como resolver o "problema americano" em Megasampa. No fundo do cenário, imagens do Novo Bronx em chamas. A Proctech tinha desistido de tentar "pacificar" os protestos dentro do gueto e agora se concentrava em conter as manifestações. Uma das convidadas, uma cantora pop famosa, criticava o uso de bebês âncora pelos imigrantes que tentavam adquirir cidadania brasileira, e defendia o uso humano e razoável de gás de epilepsia e bombardeios de precisão contra enclaves Confederados. Conforme Cassandra passou em frente à tela, ouviu uma sugestão de um astro de holofilmes de ação:

"Jogue de novo napalm na cabeça dos desgraçados."

O andar deliberado e felino de Cassandra não se atrasou pela armadura barata da Monterrey que ela roubara. Ela entrou segura no lobby, passou pela recepção e foi direto aos elevadores. Uma regra de ouro para infiltração é agir tanto como se você fosse dono do lugar que as pessoas ficam com medo de te perguntar o que você faz ali.

A identidade falsa passou pelo leitor e ela acenou para o guarda, que repetiu o gesto. Ela carregava uma valise de mensageiro com alto nível de segurança. Alguns assalariados com olheiras entraram junto dela no elevador. Eles pareciam cansados demais até para olhar para ela, e saíram no andar de vendas. Assim que eles foram embora, Cassandra apertou um botão em seu processador de dados e a câmera do elevador foi hackeada para mostrar um loop vazio. Ela abriu a portinhola do teto, saiu no poço do elevador e escalou até o duto de ventilação. Ela seguiu as direções que memorizara: esquerda, esquerda, esquerda e direita. Ela viu que estava sobre a sala de segurança. Havia apenas um guarda ali, o que significava que os outros dois estavam na ronda. Ela se sentia como uma aranha sobre sua presa conforme o desacordou. Ela carregou o corpo atrás da mesa de controle e colocou o capacete do guarda.

"Desligando as torres agora," disse em seu processador.

Cascavel preferiria planar até o teto em um Gulfire, como nos velhos tempos. Mas ir de tirolesa seria o jeito. Assim que Wang ouviu a mensagem de Cassandra, ele se prendeu ao trolei na linha de força que conectava o QG da Aeon até a Arcologia ao lado. E foi embora.

Conforme deslizava, Cascavel tentou lembrar quem foi o maldito gênio que pensou que seria uma boa ideia deslizar a centenas de metros do chão na chuva em um fio de alta-tensão. O fio soltava faíscas conforme eles desciam, mas eles estavam alto demais e os prédios em volta cheios demais de anúncios luminosos para serem notados. Ele despencou no teto molhado da Aeon Corp com a graça de um saco de batatas, bem em cima da sua mochila com equipamentos e a espada Vörpal de Cassandra. Wang veio na sequência, pousando com semelhante graciosidade.

Eles gemeram no chão encharcado por um minuto, sentindo a dor em seus ossos.

"Da próxima vez..." Cascavel disse. "A garota vem pela tirolesa. E nós é que entramos pela porta da frente."

"Shi, laowai."

Eles eventualmente levantaram e mancaram até a porta de acesso. Ela tinha sido destrancada remotamente por Cassandra. Eles entraram, Cascavel com o Detective Special em mãos, Wang com a espingarda de plasma, lanternas presas nos barris das armas. A dupla desceu o único lance de escadas até o elevador de serviço. Antes que Cascavel apertasse o botão, o elevador chegou e eles ergueram suas armas.

Havia dois guardas ali, mas eles mais pareciam estagiários. As corporações de segurança estão recrutando mão de obra cada vez mais jovem e pagando cada vez menos. Eles ergueram as mãos imediatamente ao verem as armas apontadas para eles.

"O que vocês estão fazendo aqui?" Cascavel perguntou, tirando as pistolas de seus coldres.

"A-a gente veio fumar," um deles disse.

"Por favor, não conta pro nosso supervisor," falou o outro.

"Não se preocupem, garotos, o seu segredo está seguro conosco," Cascavel disse. "Agora fumem seus cigarros enquanto o tio Wang aqui amarra vocês e nos contem como entrar na área interna de segurança."

A porta do elevador se abriu e Cassandra viu Cascavel e Wang.

"Vocês vieram no sossego mesmo," ela disse. "Encontraram algum problema no caminho?"

"Só dois moleques que pareciam aliviados de terem conseguido uma pausa nas patrulhas," Cascavel falou conforme jogou para Cassandra sua espada Vörpal e um rifle de pulso. "A segurança é uma piada."

"É, ela está aqui só pelas aparências mesmo," ela falou. "Mas não fará diferença. Más notícias: essa equipe de segurança de fantasia não tem mesmo acesso à área interna. Nós teríamos que perfurar ou explodir a porta. E nós não temos equipamentos pra isso. Nós precisaríamos de um milagre para passar por ela."

Subitamente, eles ouviram alguém assobiando pelo corredor. Saindo da esquina apareceu ninguém menos que Ronové lendo as notícias em um infopad, um soylentkafé na outra mão e seus implantes subdermais projetando imagens de um campo florido.

Ele olhou para cima, viu o trio e pareceu sorrir por força do hábito. Ele então se deu conta de que eles não deveriam estar ali. Sua pele se tornou vermelha, o soylentkafé caiu de sua mão e ele fugiu. Ele deu apenas dois passos e Cascavel já o tinha derrubado com um tiro de taser nas costas.

"Você pediu um milagre, novata," o detetive disse sorrindo enquanto Cassandra erguia Ronové com uma só mão. "Eu te dou um assessor de imprensa."

Quando eles chegaram à porta da área interna, Ronové não estava cooperativo, mas não demorou a ceder sua senha e destrancou a porta. As pessoas costumam olhar para as coisas de forma diferente depois de uma dose de taser no nariz.

"Vocês nunca vão se safar com isso!" Ronové gritou. "Vão embora enquanto vocês ainda podem!"

Eles pararam de prestar atenção na voz de Ronové quando viram o que tinha atrás da porta. Nada de mais corredores bem iluminados de mármore sintético. A passagem era esculpida no chão, com paredes de tijolos de cimento, provavelmente construções de décadas ou até séculos passados. As luzes e as trancas nas portas ainda eram modernas, mas era como se as coisas operassem em outra mentalidade ali. Não como uma companhia, mas algo com outro fervor e intensidade.

Cascavel socou Ronové e ele se virou ao detetive, com dentes ensanguentados rangendo com ódio. A sua fachada havia caído, revelando uma expressão raivosa e demoníaca.

"O que é o Projeto da Imaculada Conceção?" Cascavel perguntou.

"Você vai morrer aqui," Ronové disse. "Vocês vão todos morrer aqui."

Eles ouviram um choro distante vindo daquela catacumba. Ele parecia ao mesmo tempo gente e besta, familiar e alienígena. Era um choro desesperado, dolorido, angustiado.

Cascavel sinalizou para Cassandra ir na frente e para Wang encostar a espingarda contra a nuca de Ronové.

"Você vem conosco," o detetive disse. "E Wang, primeiro barulho que o nosso amigo aqui fizer, certifique-se de que será o último."

Eles seguiram os gritos pesarosos escuridão adentro. Cascavel começou a identificar palavras de Aklo em vermelho sangue e selos de proteção goéticos e telêmicos nas paredes. Rei Baël, Duque Aguarès, Presidente Barbas, ele viu as sigílias dos 69 governantes do inferno da Pseudomonarchia Daemonum e dos 72 demônios que Salomão escravizou para construir o seu templo. Mas os glifos estavam invertidos, como os do quarto onde Patricia Smith morreu.

Mas não era preciso o conhecimento de misticismo de Cascavel para sentir que havia alguma coisa terrível sobre aquele lugar. O ar cheirava a medo. O tipo de cheiro que a mente não reconhece, mas a alma sim, e ele te congela até os ossos. O tipo de cheiro que um lugar ganhar depois que algo horrível acontece ali uma vez, e de novo, e de novo, e de novo...

E o choro. Conforme ficava mais alto, eles perceberam o que ele tinha de tão perturbador. Era um bebê chorando, mas diferente de como qualquer bebê poderia chorar. Era como se toda a dor do mundo tivesse encontrado uma voz.

Eles chegaram a uma biblioteca. Um biblioteca de verdade, onde livros de verdade juntavam poeira de verdade. Grimórios antigos ao lado de impressos de biologia molecular avançada, ao lado de manuais de vivisseção do século 19. Gavetas cheias de papéis com etiquetas como "Experimentos #135 - #175". Cascavel folheou alguns deles. Relatórios acoplados a macabras imagens cirúrgicas de mulheres não identificadas, assim como de coisas não identificadas.

"A gente precisa continuar," Cassandra disse olhando o corredor.

"Eu... preciso de tempo para ver isso," Cascavel disse. "Isso é importante."

"Eu não posso ficar aqui," ela disse. "Eu vou atrás do que está chorando. Está me deixando louca."

Cascavel olhou para Cassandra.

"Tome cuidado, novata," foi tudo o que ele disse.

Cassandra saiu e Cascavel devolveu sua atenção aos arquivos. Talvez em uma situação diferente ele conseguiria compreender o que lia. Mas não ali. Ele não conseguia pensar direito. Aquele choro

incessante dava a tudo uma lógica de pesadelo. Ele abria os arquivos, seus olhos percorrendo termos como "excisões de tecido", "enxerto de material orgânico", "quebra e reimplante de fragmentos ósseos", "hipnose de realidade virtual", "plasticidade de manipulação da carne", "inoculação hormonal", "padrões químicos", "alteração de crescimento", "rearticulação de membros", "implantação de comportamento", "supressão sexual". "Pureza". "Consciência". "Demiurgo". "Imaculada Conceção".

Cascavel se voltou a Ronové. Ele estava ajoelhado no chão com a espingarda de plasma de Wang ainda em sua nuca.

"O que vocês estavam fazendo aqui?" Cascavel disse empurrando as fotos contra a face de Ronové. "E que diabos está chorando desse jeito?"

"Nós estamos trazendo Ele de volta..." Ronové disse, tremendo fervorosamente, sua pele e suas roupas piscando imagens abstratas. "Você não pode impedir. Nenhum homem pode impedir. O Segundo Advento se aproxima. Nós estamos trazendo Ele de volta..."

Cassandra não sabia como chegou ao quarto. Ela começou avançando lentamente nos corredores tortuosos, cobrindo cada canto segundo as doutrinas táticas que aprendera. Mas ela logo não conseguia mais suportar aquele choro. E ela simplesmente correu. As passagens pareciam estender e curvar quanto mais ela corria, como em um sonho. Ela não se importava mais. Ela só queria que aquele choro parasse.

Ela entrou em uma câmara enorme sustentada por colunas de pedra. O lugar a lembrava ao mesmo tempo uma catedral e um berçário. Era mais um viveiro, na verdade. Dúzias, centenas deles em incubadoras, alimentados por tubos umbilicais frios e invasivos saindo de máquinas e bombeando comida para dentro de suas bocas. Bombeando imagens em seus olhos, sons em seus ouvidos, ideias em suas mentes. O scanner de Cassandra identificou o DNA como humano, mas suas formas pareciam querer desmentir o processador. Pesadelos vivos, tumores peludos semiconscientes, caroços pulsantes de pele de bebê. Não existe uma palavra para o que eles eram.

Em uma mesa fria de metal estava a fonte do choro. Ele tinha um fino pelo marrom, um olho bem-formado e mais dois brancos. Pequenos braços e pernas se esparramavam aos lados como uma estrela-do-mar. O olho bom olhou para Cassandra, e ele parou de choramingar.

O silêncio era igualmente ensurdecido. Cassandra sacou sua espada Vörpal. Ela tomaria a única atitude humana que restava. Ela posicionou a lâmina sobre a coisa.

Mas conforme a coisa viu a espada Vörpal brilhando branca como uma estrela de nêutrons sobre sua cabeça, ela deixou escapar uma risada gutural e estendeu seus membros peludos em direção à lâmina. A criatura não tinha medo, não tentava se defender. Ela estava feliz. Ela queria brincar.

Cassandra sentiu como se alguém socasse seu estômago. Ela largou sua espada Vörpal no chão. Ela se sentou no frio chão de pedra. Ela abraçou suas pernas. Ela começou a chorar.

O alarme disparou. E uma contagem regressiva se iniciou.

"10 minutos para a exterminação da instalação."

Ronové se levantou em um salto e derrubou Wang. O assessor conseguiu pegar uma faca dele e

correu contra Cascavel. O detetive atirou, mas errou conforme Ronové flasheava como um estrobo, desorientando-o. O Detective Special foi derrubado fora da mão de Cascavel conforme eles lutavam no chão. Ronové conseguiu ficar em cima, e lentamente forçava a faca para baixo em direção ao estômago de Cascavel.

"Jaesus o Cristo o Demiurgo vive novamente!" Ronové gritou, olhos queimando com paixão religiosa. "Nós O criamos puro e sem pecado!"

Cascavel deu uma cabeçada em Ronové, calando sua boca. Golpeou-o para um lado e rolou para o outro conforme Wang o atingiu. É preciso ver em primeira mão o dano que uma espingarda de plasma causa para apreciá-lo de verdade. As cápsulas eletromagnéticas se rompem contra o corpo soltando gás superaquecido e pele, carne e osso queimam como cera. Se você tiver sorte, morre imediatamente com o tiro. Ronové não teve sorte.

Cascavel se levantou, tirou a poeira do sobretudo e cuspiu no assessor.

"Sua hora de chorar agora, desgraçado."

Eles estavam cercados.

A espingarda de plasma de Wang fazia maravilhas de perto. Cascavel pegou um rifle de assalto de um dos primeiros guardas que derrubaram. Sua mira mostrava que ele ainda tinha um pouco da chama dos seus dias de mercenário.

"Quantos você contar, laowai?" Wang perguntou de trás da mesa derrubada que usavam como cobertura.

"Derrubamos uns doze," Cascavel gritou em meio ao barulho de tiros de rifles de pulso à sua volta, nacos de tijolo da parede caindo sobre ele. "Eu aposto que tem pelo menos mais doze vindo."

"5 minutos para a exterminação da instalação."

"Os fanáticos filhos da puta não estão nem tentando nos acertar mais," ele prosseguiu. "Eles só querem manter a gente aqui pra ser enterrado com eles."

O padrão dos tiros mudou, como se os cultistas não estivessem mais atirando contra eles, mas para trás.

Gritos foram cortados ao meio. O tiroteio se intensificou, depois diminuiu e cessou por completo.

Cascavel e Wang cuidadosamente olharam fora da cobertura e viram Cassandra. Ela não parecia uma pessoa, mas uma amazona, uma valquíria, um instrumento de vingança. Ela parecia marcada por cicatrizes invisíveis. Parecia mais velha, como se tivesse vivido dez anos desde a meia hora que a viram. Ela estava completamente coberta por sangue.

"Novata... você está bem?" Cascavel perguntou.

Cassandra olhou para seu corpo ensopado e depois de volta a Cascavel.

"Eu estou, vovô. O sangue não é meu," ela disse em um tom sem emoção. "Vamos só... vamos só ir embora deste lugar."

Os fogos não decepcionaram.

Talvez os cultistas da Aeon levavam o martírio muito a sério, ou talvez quisessem ser meticulosos na destruição de evidências. As explosões começaram na base e subiram, deliberadamente limpando cada andar conforme a superestrutura tombava. A única evidência que restou estava guardada no monóculo digital de Cassandra, mas jamais seria admitido como evidência considerando a não exatamente legal forma que foram adquiridas. Além do mais, Cascavel vira a expressão de Cassandra em outras pessoas. Ele duvidava que ela quisesse assistir o que quer que tenha gravado lá embaixo. E nem seria necessário. A Proctech poderia incriminar a Aeon pelas mortes, era como se eles pudessem se defender, e isso seria o bastante para sossegar o Novo Bronx. O prefeito em atividade ficaria feliz e os negócios voltariam ao normal. Se não fosse o bastante, bem, sempre tinha o napalm.

Cascavel, Wang e Cassandra observaram. Não é todo dia que se vê uma Arcologia queimar e cair.

Os spinners da Proctech e hovers da imprensa tomaram o lugar. O comissário Sakurai apareceu. Metade para levar o crédito aos feedsites pela "sua operação", metade para repreender Cassandra por agir sem seu consentimento. Mas bastou uma olhada nela para que sabiamente recuasse e ficasse de boca fechada. Os paramédicos ainda mantiveram Wang no local por algum tempo. Ele tinha alguns ferimentos superficiais que precisavam de cuidado.

"Nunca ser moleza com você, ê, laowai?" ele disse conforme Cascavel e Cassandra iam em direção ao seu hover patrulha.

"Não Wang," o detetive disse apenas para si mesmo. "Nunca é."

Eles ficaram em silêncio no voo até o escritório de Cascavel.

As luzes da rua que refletiam no para-brisa do spinner pareciam repetições da mesma luz. Os limpadores se moviam de um lado para o outro como um pêndulo de movimento perpétuo.

"Eu não sei o que você viu lá, novata," Cascavel quebrou o silêncio. "E eu acho que nem quero saber. Eu não vou fingir que tudo vai ficar bem. Que você vai esquecer. Eu vi o bastante de merda nesta vida pra saber que às vezes as coisas continuam fodidas pra sempre. O inferno é um lugar real. Você pode ir pra lá."

Cassandra olhava diretamente para frente, se perdendo no ponto de fuga das luzes de navegação.

"Mas você aprende a viver com elas."

Os minutos passaram, assim como as luzes no para brisa.

"Aquele cantor que você me mostrou antes," Cassandra disse subitamente. "Qual era mesmo o nome dele?"

"Freddie King."

"Freddie King," Cassandra repetiu. "Você poderia me emprestar aquele disco? Eu posso ver se acho uma vitrola numa loja de antiguidades. Eu gostaria de ouvir de novo."

"Claro, só não risque o disco ou eu arranco o seu couro," disse o detetive.

"Eu sei que eu não vejo o sol como vocês das antigas," Cassandra disse. "Mas eu acho que eu entendi o que você quis dizer."

Cascavel sorriu e balançou a cabeça.

"Bom, acho que existe um vestígio de esperança pra nós todos se pelos menos vocês jovens aí voltarem a ouvir música decente."

Cassandra esperou no spinner conforme Cascavel entrou para pegar o disco.

Ele se serviu de um copo de baijiu no caminho.

"Você perdeu - duas - horas da sua expectativa de vida."

E subiu as escadas. Ele entrou em seu escritório, já esperando que uma ovelha elétrica entusiasmada demais o recebesse, mas Mandíbula não veio. Ele a viu deitada em silêncio no canto. Quando Cascavel se aproximou, viu que a ovelha estava destruída.

"Eu estava de olho em você, sabia, sr. Detetive?"

Cascavel se virou assustado e olhou para onde a voz veio. Ele viu apenas escuridão. Escuridão e dois olhinhos vermelhos.

Bebê Diabo.

Suas mãos foram em direção ao M2019, mas congelaram no caminho.

Ótimo. A coisa era psiônica. E forte.

Ela se moveu para a meia luz que vinha cortada pelas venezianas. Ainda parecia um bebê diabo, mas mais completo. Mais seguro.

"Você é a única coisa que eu não entendi, sr. Detetive, sabia?" ele disse. "Tudo em volta parece ser louco, você pelo menos parece incomodado pela loucura."

"Que bom, a gente concorda em uma coisa então."

"Eu li alguns dos seus livros enquanto você não estava. Sr. Detetive."

"Espero que tenha se divertido."

Bebê Diabo saltou sobre a mesa com seus pés invertidos e andou até que seu rosto ficou a apenas um metro de distância do de Cascavel. De repente, ele começou a recitar, fazendo gestos ridiculamente largos e teatrais:

"Não andar de quatro; essa é a Lei. Não somos homens? Não chupar líquido; essa é a Lei. Não somos homens? Não comer peixe ou carne; essa é a Lei. Não somos homens? Não arranhar as cascas das árvores; essa é a Lei. Não somos homens? Não perseguir outros homens; essa é a Lei. Não somos homens?"

O detetive olhou para as garras e presas afiadas e tentou recuar, mas seu corpo inteiro estava petrificado. Bebê Diabo continuou seu espetáculo bizarro:

"Sua é a Casa da Dor. Sua é a mão que faz. Sua é a mão que fere. Sua é a mão que cura."

Ele olhou dentro dos olhos de Cascavel com as pupilas verticais de um gato infernal.

"Eles me chamaram de Demiurgo. Eles queriam que eu fosse deus bom, mas me ensinaram só ódio, você sabia?"

"É, eu conheci os seus antigos... pais adotivos. Não pareceu ser muito difícil odiar eles."

"Eu sei que eles pagaram, sr. Detetive, eu sei. Eu não queria machucar mais ninguém, de verdade!, mas eu precisava comer, sabe? Eu aprendi conforme vivi. Como todo mundo. Eu aprendo rápido. Eu

aprendi a cortar gargantas e controlar vontades. E depois do ódio por eles, tudo o que eu consegui sentir foi pena. Eu tenho pena de todos vocês."

Cascavel tentou se debater, mas de nada adiantava.

"Eu aprendi o suficiente deste mundo pra saber que eu não quero fazer parte dele. Vocês são loucos de ficar aqui! Você podia me matar, sr. Detetive?"

Os olhos da criatura. Eles pareciam diferentes da última vez que o detetive os vira, menos predatórios. Eles eram um lago não incomodado. Cascavel sentiu inveja daquilo.

"Sim," Cascavel disse ao Bebê Diabo. "Eu posso te matar."

"Tchau então, sr. Detetive."

Cascavel sentiu seu corpo livre. Ele sacou seu Detective Special, o encostou contra a face sorridente do bebê Diabo e apertou o gatilho.

Cassandra derrubou a porta com um chute, sua Auto 9 em mãos. Ela olhou o quarto e parou quando viu a criatura morta no chão.

"O que foi que eu te disse, novata? O inferno está vazio," Cascavel disse olhando ao que restava do Bebê Diabo, pistola fumegante em suas mãos. "Todos os demônios já estão aqui."

Agradecimentos:

O autor gostaria de agradecer aos leitores beta do Imaculada Conceção: Adriano Vannucchi, Diego Pires e Thiago Peres, pelas ideias e opiniões na formação do livro, assim como Luisa Fochi pela revisão e companheirismo ao longo dos anos. Também um grande agradecimento a Bruno Dinelli pelas capas da série, e para todos os seus amigos e familiares.

Este livro é dedicado a todos os refugiados do presente e futuro. Que o mundo real reserve uma vida melhor que essa realidade fictícia, mas infelizmente possível.

Este livro é também dedicado às pessoas vivas-vivas, onde quer que estejam. Aquelas que estão constantemente em erro, em busca, em questionamento, em tormento.

O Autor:



Guilherme Solari é um jornalista e escritor de São Paulo. Ele atualmente escreve sobre cinema, literatura, games e cultura pop no site *Catraca Livre*, e tem passagens por veículos como UOL e Folha de S.Paulo. Leitor ávido de cyberpunk clássico, ficção científica e pulp fiction, ele tentou juntar essas paixões na série *Cybersampa*.

Ele é autor de "As Crônicas do Cascavel" (Multifoco), uma carta de amor a filmes antigos de ação. Ele é coautor da peça "Fogo", que foi dirigida por Marina Person e encenada no circuito Sesc em 2010. Sua história "Egofobia" foi editada na versão portuguesa de "O Almanaque do Dr. Thackery T. Lamshead de Doenças Excêntricas e Desacreditadas", junto de autores como Neil Gaiman, China Miéville e Alan Moore.

Você pode acompanhar o seu trabalho em guilhermesolari.com.br, assim como em seu canal de resenhas literárias youtube.com/GuilhermeSolariTube.

Em seguida, em **Cybersampa**

Livro 2:

O Assassinato do Pro Gamer

Em breve...